POETAS BRAZILEIROS

POETAS BRAZILEIROS

Casimiro de Abreu.

OBRAS COMPLETAS

DE

CASIMIRO DE ABREU

NOVISSIMA EDIÇÃO

PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR

POR

M. SAID ALI

LENTE DO GYMNASIO NACIONAL E PROFESSOR DA ESCOLA MILITAR

LAEMMERT & C., EDITORES

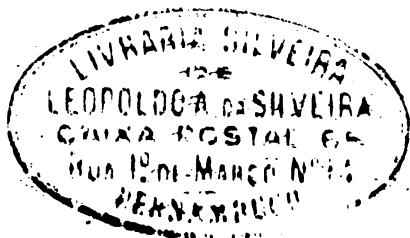
RIO DE JANEIRO — S. PAULO

1902

NOTICIA SOBRE O AUCTOR

Entre os poetas brazileiros que cultivaram o genero lyrico occupa logar proeminente o mavioso cantor das «Primaveras», pela naturalidade com que exprime, em versos repassados de suave melancolia, os sentimentos de um desditoso poeta: do poeta que durante a sua tão curta existencia experimentou a dura contrariedade de ver torcida a sua vocação por quem devia facilitar o desenvolvimento de suas aptidões naturaes. Esta dolorosa lucta fizera-o tambem separar-se, contra a sua vontade, da patria querida; e lá bem longe, no exilio, a saudade pungente lhe vibra outra corda da sua lyra, e o poeta compõe essas magistraes canções, por si só bastantes para immortalizal-o e recommendal-o á gratidão de todo Brazileiro.

Nasceu Casimiro José Marques de Abreu aos 4 de janeiro de 1837 na villa da Barra de S. João, da provincia do Rio de Janeiro. Seu pai era portuguez, e sua mãi brazileira. Os primeiros annos

POETAS BRAZILEIROS

moço se ia definhando, avivavam-se-lhe cada vez mais no espirito as imagens queridas do passado, e confrangia-lhe dolorosamente o coração a saudade da patria, onde essas imagens haviam tido realidade; e que mais podia fazer o poeta senão firmal-as sobre papel em melancolicos e melodiosos versos com a mesma naturalidade e tristeza com que as sentia? São verdadeiros primores da litteratura brazileira, que não encontram rivaes senão nas poesias de Gonçalves Dias, essas joias intituladas «Exilio» «Minha terra» «Meu lar» «Meus oito annos» «Jurity». Tambem á idolatrada mãi Casimiro de Abreu ergueu saudoso um monumento de eterna gratidão, escrevendo a poesia «Minha mãi».

O mal que atacara o poeta aggravou-se; e só quando chegou ao Rio de Janeiro a noticia de que a tisica pulmonar se achava já muito adiantada, e que o estado do moço era realmente grave, foi-lhe por fim permittido regressar á patria. Chegou ao Rio em 11 de julho de 1857, e seguiu para a fazenda paterna em Indayassú, onde se demorou apenas um mez, para voltar novamente para a vida commercial no Rio. As impressões que teve ao chegar a Indayassú, onde tornou a ver os logares em que passara a infancia, descreveu-as na poesia «No lar» com aquella rara habilidade que lhe era propria.

Chegando á capital, mandou-o o pai para o escriptorio de uma casa de consignações. A insistencia cruel do progenitor em oppôr-se á vocação do filho só podia produzir n'este o desalento, a descrença e, até, ideias de suicidio, como vemos n'aquella admiravel poesia «Dores», essa por assim dizer pho-

tographia da alma do infeliz poeta, quando tinha apenas vinte annos. Um anno depois felizmente Casimiro de Abreu já poude abandonar o escriptorio commercial e entregar-se ás suas favoritas distracções litterarias.

Mais descansado já, reunio as suas composições poeticas e publicou-as pela primeira vez em 1859 sob o titulo de «Primaveras». O volume foi bem acolhido pela imprensa e pelo publico, e essas poesias, que agradam pela espontaneidade, pela melodia e pela simplicidade, não tardaram a tornar-se o que ellas são até hoje e sempre hão-de ser: poesias populares.

A fama chegou tambem aos ouvidos do velho José Joaquim Marques de Abreu, que por esse tempo jazia enfermo em sua fazenda do Indayassú. Pediu que lhe lessem o livro; e essas paginas maviosas das «Primaveras» conseguiram por fim commover tambem o seu coração. Mandou buscar o filho; e este chegou ainda a tempo de poder beijar a mão do moribundo. N'este derradeiro momento da vida a musa da poesia conseguira abater a dureza de um caracter demasiado prosaico, e conciliar emfim pai e filho.

Mas breve devia soar tambem a hora fatal para o filho. Poucos mezes depois, Casimiro de Abreu, sentindo necessidade de buscar allivio para os seus soffrimentos physicos, parte para Nova-Friburgo. O seu estado grave inspira os maiores receios aos seus amigos, e chega-se, até, a espalhar a falsa noticia da sua morte. Vendo que, em vez de melhorar, peiorava consideravelmente, o poeta resolveu voltar para Indayassú.

A morte porém approximava-se a passos gigantescos e só lhe concedeu mais quinze dias de vida no seu lar. Aos 18 de outubro de 1860 finava-se o mavioso cantor das «Primaveras» nos braços da sua extremosa mãi, com vinte e quatro annos incompletos — na primavera da vida.

PRIMAVERAS

> **La vie du vulgaire n'est qu'un vague et sourd murmure du cœur; la vie de l'homme sensible est un cri; la vie du poëte est un chant.** LAMARTINE.

A F. OCTAVIANO

> **São as flores das minhas primaveras**
> **Rebentadas á sombra dos coqueiros.**
> **Teixeira de Mello,** *Sombras e Sonhos.*

Um dia — além dos Orgãos, na poetica Friburgo — isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancolica do cahir das cachoeiras. Era a hora da *merenda* em nossa casa e pareceu-me ouvir o echo das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei — *Ave-Maria:* — a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu dera em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões.

Eu era enthusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperança que nunca pude ver realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illusões da vida, abertas de noite — cahem pela manhan como as flores cheirosas das laranjeiras!

Flores e estrellas, murmurios da terra, mysterios do céu, sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma e ahi estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção de imagens predomina o perfil gracioso d'uma virgem, facilmente se explica: — era a filha do céu, que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contradictorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahiram conforme os logares os iam despertando. Um dia a pasta, pejada de tanto papel, pedia que se lhe desse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — *Primaveras;* — depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu — livro intimo — e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretenções.

Todos ahi acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que soletra o seu poema mysterioso ao luar melancolico das nossas noites.

Meu Deus! que se ha-de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos *homem serio*, e de preferirmos uma moeda de cobre a uma pagina de Lamartine.

De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sêde que a devora, decepa os louros inda verdes, e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o tracto dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropicos deve escrever n'uma linguagem — propriamente sua — languida como elle, quente como o sol que o abraza, grande e mysteriosa como as suas mattas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos — *Tymbiras* — e acordar os Renés enfastiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de — *Yuca-Pirama* — nós, cantores noveis, somos as vozes secundarias que se perdem no conjuncto d'uma grande orchestra; ha o unico merito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas — *Primaveras* — não passam d'um ramilhete das flores proprias da estação, — flores que o vento esfolhará amanhan, e que apenas valem como promessa dos fructos do outomno.

Rio, 20 de agosto, 1859.

A ***

Falo a ti — doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flor da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
— Marinheiro de amor — no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Por ti corri sedento atraz da gloria;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte — no regaço flores!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo tutelar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as azas brancas...
Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas!
Muito vento do sul varreu-me as flores!
Ai de mim — se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
De santas illusões, de crenças cheio!
— Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pódes ler o *meu livro:* — adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma — aberta em flor — sonha comtigo.

Se entre as rosas das minhas — Primaveras —
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor — são todas tuas!

Agosto 20, 1859.

LIVRO PRIMEIRO

> Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée des fêtes de l'étranger, et qui ne se sont assis qu'aux festins de leurs pères ! CHATEAUBRIAND.

CANÇÕES DO EXILIO

EXILIO

> Oh ! mon pays sera mes amours
> Toujours. CHATEAUBRIAND.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh ! que céu, que terra aquella,
Rica e bella
Como o céu de claro anil!

Que seiva, que luz, que galas,
Não exhalas
Não exhalas, meu Brazil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
D'aquelles campos nataes!
D'aquelle céu de saphira
Que se mira,
Que se mira nos cristaes!

Não amo a terra do exilio,
Sou bom filho,
Quero a patria, o meu paiz,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim!

Distante do solo amado
— Desterrado —
A vida não é feliz.
N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu paiz!

Lisboa, 1855.

MINHA TERRA

> Minha terra tem palmeiras
> Onde canta o sabiá.
> G. Dias.

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Hei-de fazel-a rainha;
— Hei-de dar-lhe a realeza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil;
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa fala amores
Nas bellas tardes de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra encantada
— Mimoso jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas — a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores, que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
— Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes,
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia,
Nas horas do sol ardente,

Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rede de pennas,
Alli, nas tardes amenas,
Se embala o indio indolente.

Foi alli que, n'outro tempo,
Á sombra do cajazeiro,
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brazileiro;
E a bella, que o escutava,
Um sorriso deslisava
Para o bardo, que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia,
Em ternissimos enleios,
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na laranjeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeu de labios augustos
O brado da liberdade;
Aquella voz soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade

Um povo ergueu-se cantando
— Mancebos e anciãos —
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos;
Foi bello ver esse povo,
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
— Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra,
Nem os echos da montanha
Ao longe diziam — guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

Se brazileiro eu nasci,
Brazileiro hei de morrer;
Que um filho d'aquellas matas
Ama o céu que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos;
E são sentidos e santos,
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha-de ver.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos, que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;

Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra,
Mas não póde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira!
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar — suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: — não tem rival!

Lisboa, 1856.

SAUDADES

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar,
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua magestosa.
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar!

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de magua e de dor,
O sino do campanario,
Que fala tão solitario
Com esse som mortuario,
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —
Eu solto aos echos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dores:
— Saudades — dos meus amores,
— Saudades — da minha terra!

1856.

MEU LAR

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãi!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava,
Lá na quadra infantil:
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brazil!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem cor de rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores,
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meus Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Lisboa, 1857.

MINHA MÃI

Oh! l'amour d'une mère!
amour que nul n'oublie.
V. Hugo.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha Mãi! —

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— «Oh filho querido do meu coração!»
— Minha Mãi! —

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço, com todo o cuidado,
Cantando cantigas, alegre embalava?
— Minha Mãi! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia,
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus labios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
— Minha Mãi! —

Feliz o bom filho que póde contente,
Na casa paterna de noite e de dia,
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
— Uma Mãi! —

Por isso eu agora, na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
— «Oh filho querido do meu coração!» —
— Minha Mãi! —

Lisboa, 1855.

ROSA MURCHA

Esta rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Pallido emblema de amor;
É uma folha cahida
Do livro da minha vida,
Um canto immenso de dor!

Ha que tempos! Bem me lembro...
Foi n'um dia de Novembro:
Deixava a terra natal,
A minha patria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sahe do lar fagueiro;
D'uma lagrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,
Ia morrer de saudade
N'outros climas, n'outras plagas;
Mas tinha orações ferventes
D'uns labios inda innocentes,
Emquanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!
— Hei-de ir junto aos mausoleus,
No fundo dos cemiterios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar os mysterios!

Carpir o lyrio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fronte saudosa,
Chorar a virgem formosa,
Morta na flor dos annos!

Era um anjo! Foi pr'o céu
Envolta em mystico véu
Nas azas d'um cherubim;
Já dorme o somno profundo,
E despediu-se do mundo
Pensando talvez em mim!

Oh esta flor desbotada,
Já tantas vezes beijada,
Que de mysterios não tem!

Em troca de seu perfume
Quanta saudade resume
E quantos prantos tambem!

Lisboa, 1855.

JURITY

Na minha terra, no bolir do mato,
A jurity suspira;
E como o arrulo dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dores
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
Á beira do caminho;
— Talvez perdida na floresta ingente —
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba, e como as vozes d'ella
É triste o meu cantar;
— Flor dos tropicos — cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade;
Hymno de augustia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
Á pomba faz o tiro...
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
Dormir no meu jazigo.

E — morta — a pomba nunca mais suspira
Á beira do caminho;
E como a jurity, — longe dos lares —
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

Lisboa, 1857.

MEUS OITO ANNOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
— Respira a alma innocencia
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céu bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
N'essa risonha manhan!
Em vez das maguas de agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãi as caricias
E beijos de minha irman!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
— Pès descalços, braços nús —

Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a t'rar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Lisboa, 1857.

NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
D'esses cantos de amizade,
Permitte que venha agora
Quem longe da patria chora
Bem triste gravar: — saudade!

Lisboa.

ILLUSÃO

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmurio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do valle suspira
Como o nauta da patria afastado;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gemidos aos echos envia,
E que o peito que em maguas anceia
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cansada,
Adormece n'um leito de flores

Qual donzella formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas erguidas,
Sinto o pranto que manso deslisa
E repito essas queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente
D'uma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar socegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pôpa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado: — não fujas, — espera!

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua illumina
O horizonte com luz prateada,
Julgo ver essa fronte divina
Sobre as vagas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delirio nos meus se fitando!
E uma voz em accentos plangentes
Vem de longe um — adeus — soluçando!

Illusão!... que a minha alma, coitada,
De illusões hoje em dia é que vive;
É chorando uma gloria passada,
E carpindo uns amores que eu tive!

Lisboa, 1856.

SUSPIROS

Á minha terra formosa,
Que eu amo do coração,
Quero enviar uns suspiros
Nas azas da viração.

Corre brisa, pressurosa
Sobre esses plainos de anil,
Vai brincar pelas campinas,
Pelos vergeis do Brazil.

Lá verás um céu mais lindo,
Como tão lindo não ha;
Lá ouvirás os gorgeios,
Os cantos do sabiá.

Lá verás bellas palmeiras,
Lindas flores com perfumes,
O regato que murmura,
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bella
Sentada no seu jardim,
Na mão encostada a face,
Saudosa, pensando em mim.

Oh brisa linda e travessa,
No teu mais doce bafejo
Em seus labios cor de rosa
Bem de manso, dá-lhe um beijo.

Se uma lagrima furtiva
Nos olhos lhe balouçar...
Traz-me esse pranto de amor,
Que quem chora, sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel
Só por ella suspírava,
E que nas brisas da tarde
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho extremoso
O mesmo affecto inda tem,
E que contrito e fervente
Orava por sua mãi.

Diz-lhe que o pobre proscripto,
Da noite na magestade,

Chorava por sua terra
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta
Cantava cantos de dor,
Que sua lyra, gemendo,
Dizia: — Brazil e amor! —

1856.

BRAZILIANAS

NO LAR

> **Terra da minha patria, abre-me o seio**
> **Na morte, ao menos... GARRETT.**

I

Longe da patria, sob um céu diverso,
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira á tarde!

No mar — de noite — solitario e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Porque chorara n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,
— O filho prodigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve!

Eis meu lar, minha casa, meus amores
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu commigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Arvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado!

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais secca a cachoeira
Onde banhei-me o infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada me esquece!... e esquecer quem ha-de?...
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Fala-me ainda d'essa doce idade!

Eu me remoço, recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora,

Que eu dera, oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as salas, estes moveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E alli... n'aquelle canto... o berço armado!
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãi a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh primavera! oh minha mãi querida!
Oh mana! — anjinho que eu amei com ancia
Vinde ver-me, em soluços — de joelhos,
Beijando em choros este pó da infancia!

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exilio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gozo de proscripto
Chora minh'alma e me succumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella,
Que eu, Senhor! não vivi — dormi apenas!
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites!
Quanto beijo roçou-me os labios quentes!

E, pallido, acordava no meu leito
— Sósinho — e orphão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz d'esta natura;
— Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! Quero vida! Os labios ardem...
Preciso as dores d'um sentir profundo!
— Sofrego a taça exgotarei d'um trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! Quero vida! — Um rosto virgem,
— Alma de archanjo que me fale amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! Quero amor! — Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo da fada vaporosa,
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

Oh céu de minha terra — azul sem mancha —
Oh sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte:

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagôa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillas que morreis na areia:

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bemtevis do campo, sabiás da praia,
— Cantai, correi, brilhai — minh'alma em ancias
Treme de gozo e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura — modulai-me a lyra!
— Seja um poema este ferver de idéas,
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh mocidade, bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito...
— Basta-me um anno!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gozos do meu lar querido...
Bemdito sejas! — ou viver c'os meus!

Indayassú, 1857.

MORENINHA

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos d'amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á bocca cheia:
— «Mulher mais linda não ha!
«Ai vejam como é bonita
«Co'as tranças presas na fita,
«Co'as flores no samburá!» —

Tu és meiga, és innocente
Como a rola que contente
Vôa e folga no rosal;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas falas,
Morena — não tens rival!

Tu, hontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
Á fresca sombra do til;
Regando as flores, sósinha,
Nem tu sabes, Moreninha
O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a jurity;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti!

E disse então: — Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás!
Eu dou-te noites de rosas

Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha;
Ninguem t'iguala ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Tu és a deusa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sósinho,
Porque sua alma ficou!

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas tambem a voz:

— «Oh! quem me compra estas flores?
«São lindas como os amores,
«Tão bellas não ha assim;
«Foram banhadas de orvalho,
«São flores do meu serralho,
«Colhi-as no meu jardim.»

Morena, minha Morena,
És bella, mas não tens pena

De quem morre de paixão!
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores bellas,
As rosas do coração?!...

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse então: — «Meus amores,
«Deixa mirar tuas flores,
«Deixa perfumes sentir!»
Mas n'aquelle doce enleio,
Em fez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhan;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo accendida,
Vermelha como a roman!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazella não é;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo tambem;
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te — rosa da aldeia —
Como mais linda não ha.
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Indayassú, 1857.

NA REDE

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rede de pennas
— O céu por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto serena
Qual um serafim;
Os cil'os pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos soltos cabellos
De fino setim!

Dormia e sonhava — formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno n'um magico anceio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta,
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No collo a dormir!

Dormia e sonhava — no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Falei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;

E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgem na rede corando e sorrindo....
Beijou-me — a sonhar!

Junho, 1858.

A VOZ DO RIO

N'UM ALBUM

Nosso sol é de fogo, o campo é verde
O mar é manso, nosso céu azul!
— Ai porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras azas do pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul!....
— Tupá! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul!?

Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sósinho viverás no exilio
— Garça perdida n'esse mar que é verde!

Nossas campinas, como doces noivas,
Vivem c'os montes sob o céu azul!

— Ha vida e amores n'este patrio ninho,
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos leques,
O sol das pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormiu teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocam c'os braços este céu azul!
— Se tudo é grande n'este patrio ninho
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas: — «Essa terra fria
Merece amores, é irman da minha!»
Quem dar-te póde este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?

Eu — Guanabara — no meu longo espelho
Reflicto as nuvens d'este céu azul;
— Oh minha filha! acalentei-te o somno,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!...

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras,
E o sol medroso s'esconder nas aguas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Ha-de scismando mergulhar-se em maguas!

Mas se forçoso t'é deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
Oh minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços — ao voltar do exilio —
Saudando o berço que teu labio diga:

«Volvo contente para o patrio ninho,
«Deixei sorrindo esses vergeis do sul;
«Tinha saudades d'este sol de fogo...
«Não deixo mais este meu céu azul!...»

Rio, 1858.

SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II.

Foi um dia de gloria! — O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,
No meio das florestas!

Lá no Ypiranga do Brazil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o augusto porte;
Cercada a fronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria!
— Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou echo no peito dos valentes,
No campo e na cidade;

E nos salões — do pescador nos lares,
Livres soaram hymnos populares
Á voz da liberdade!

Annos correram; — no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
A semente brotou;
E, franca e leda, a geração nascente
Á copa altiva da arvore frondente
Segura se abrigou!

Á roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do lethargo se desperta,
E — livre — marcha pela estrada aberta
Ás glorias do porvir!

O paiz, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço...
Era o vosso, Senhor!
Vós do tronco feliz doce renovo,
Vede agora, Senhor, na voz do povo
Quão grande é seu amor!

Rio, 1858.

CANTICOS

❧

POESIA E AMOR

A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lyra,
Da lua o clarão;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das aguas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os tremulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que solta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gotta de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorgeio
D'algum sabiá;

A orphan que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhan;

Os sonhos eternos,
Os gozos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes de irman;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão;
O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singela
Do seu coração;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada,
Qual berço de fada
N'um céu todo azul;
No lago e nos brejos
Os férvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Soletra e murmura
Nos halitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deus!

Os tremulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia!
Tudo isso é — amor!

Indayassú, 1857.

ORAÇÕES

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da férvida oração nas azas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro, que circundam anjos,
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãi s'inclina,
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces falas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho, oh cherubim!
Quando resares por teu mano, á noite,
Não t'esqueças — tambem resa por mim!

Rio, 1858.

BALSAMO

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubara d'um só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sósinha e desgrenhada
— Estatua da afflicção aos pés d'um tumulo!
O esqualido coveiro p'ra dous corpos
Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite
A mesma cova os teve!
E a mãi chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

No emtanto o sacerdote — fronte branca
Pelo gelo dos annos — a seu lado
Tentava consolal-a
A mãi afflicta,
Sublime d'esse bello desespero,
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldava-lhe a razão no duro trance.

«Oh padre! — disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma:
«— Onde o balsamo, as falas d'esperança,
«O allivio á minha dor?!»
Grave e solemne,
O padre não falou — mostrou-lhe o céu!

Rio, 1858.

DEUS!

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia,
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãi n'esse momento:
«— Que dura orchestra! Que furor insano!
Que póde haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?»

Minha mãi a sorrir olhou p'r'os ceus
E respondeu: — «Um Ser, que nós não vemos,
E maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão! Meu filho, é — Deus!»

Dezembro 1858.

LIVRO SEGUNDO

La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours!
V. Hugo.

CANTOS DE AMOR

PRIMAVERAS

Primavera! juventud del anno,
Mocidad! primavera della vita.
Metastasio.

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhan colhido
Enfeita a fronte de aldean modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a creação modula,
Canta a calhandra, a jurity arrulha,
O mar é calmo, porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa: — Como é linda a veiga!
Responde a rosa: — Como é doce o orvalho!

Mas como ás vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas; — o jasmin fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo,
Bem como o galho de gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo, de ironia cheio,
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem de seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Na primavera — na manhan da vida —
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,

E a tempestade se dissipa e passa
Á voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida — a mocidade é crença,
E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e goza.

1º de julho, 1858.

SCENA INTIMA

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
— Ora diz-me: esses queixumes
Esses injustos ciumes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar!

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
N'um sorrir?

Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
— Sem querer —
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infindos,
Só dos ceus!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei!
Juro falar-te a verdade . . .
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente
Perdoa um erro innocente,
Minha flor!
Seja grande embora o crime
O perdão sempre é sublime,
Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade
Só peccou;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo ...
Aqui 'stou!

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
O infiel:

Prende-me ... n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
Com paixão;
Ordena com gesto altivo ...
Que te beije este captivo
Essa mão!

Mata-me sim ... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó,

Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
Nem um só!

JURAMENTO

Tu dizes, oh Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como has-de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá! — Sentada a meu lado,
Com esse rosto adorado,
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera: — inclina essa fronte . . .
Assim! . . . — Pareces no monte

Alvo lyrio debruçado!
— Agora, se em mim te fias,
Fica seria, não te rias,
O juramento é sagrado.

«— Eu juro sobre estas tranças,
«E pelas chammas que lanças
«D'esses teus olhos divinos;
«Eu juro, minha innocente,
«Embalar-te docemente
«Ao som dos mais ternos hymnos!

«Pelas ondas, pelas flores,
«Que se estremecem de amores
«Da brisa ao sopro lascivo;
«Eu juro, por minha vida,
«Deitar-me a teus pés, querida,
«Humilde como um captivo!

«Pelos lyrios, pelas rosas,
«Pelas estrellas formosas,
«Pelo sol que brilha agora,
«— Eu juro dar-te, Maria,
«Quarenta beijos por dia
«E dez abraços por hora!»

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontado ao coração;
E agora — por vida minha,
Tu verás, oh moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!...

Rio, 1857.

PERFUMES E AMOR

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor;
E o sol, abrindo da açucena as folhas,
Dá-lhe perfumes — e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta n'esta fronte ardor,
Sempre quizera ao encetar teu album
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deus, nas folhas d'este livro puro
Não manche o pranto da innocencia o alvor,
Mas cada canto que cahir dos labios
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,
Do nardo o aroma e da camelia a cor,
E possa a virgem, percorrendo as folhas,
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,
Nos ternos hymnos d'infantil frescor,
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes — e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anhelo do feliz cantor:
— «Meu Deus, nas folhas do meu livro d'alma
Sobram perfumes — e não falta amor!»

Junho, 1858.

SEGREDOS

Eu tenho uns amores — quem é que os não tinha
Nos tempos antigos? — Amar não faz mal;
As almas que sentem paixão como a minha,
Que digam, que falem em regra geral.
 — A flor dos meus sonhos é moça e bonita
 Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,
 Mas onde ella mora, que casa ella habita,
 Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus labios de rosa, a fala é de mel,
As tranças compridas, qual livre bacchante,
O pé de criança, cintura de annel;
 — Os olhos rasgados são cor das saphiras,
 Serenos e puros, azues como o mar;
 Se falam sinceros, se pregam mentiras,
 Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile, com ella valsando,
Senti as delicias dos anjos do céu!
Na dança ligeira qual sylpho voando
Cahiu-lhe do rosto seu candido véu!

— Que noite e que baile! — Seu halito virgem
Queimava-me as faces no louco valsar,
As falas sentidas, que os olhos falavam,
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez!
Inda era mais bella rendida ao cansaço,
Morrendo de amores em tal languidez!
— Que noite e que festa! e que languido rosto
Banhado ao reflexo do branco luar!
A neve do collo e as ondas dos seios,
Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime! — Tem longos queixumes,
Mysterios profundos que eu mesmo não sei:
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me mataram, de amor suspirei!
— Agora eu vos juro... Palavra! não minto!
Ouvi-a formosa tambem suspirar;
Os doces suspiros, que os echos ouviram,
Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio
Passava uma barca, e o bom remador
Cantava na flauta: — «Nas noites d'estio
O céu tem estrellas, o mar tem amor!»
— E a voz maviosa do bom gondoleiro
Repete cantando: — «viver é amar!» —
Se os peitos respondem á voz do barqueiro...
Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo . . . a bocca emmudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece . . .
E os labios se tocam no ardor da paixão!
— Depois . . . mas já vejo que vós, meus senhores,
Com fina malicia quereis me enganar;
Aqui faço ponto; — segredos de amores,
Não quero, não posso, não devo contar!

Rio, 1857.

A VALSA

Tu, hontem,
Na dança
Que cança,
Voavas
C'oas faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquilla,
Serena,

Sem pena
De mim!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas! . . .
— Não negues,
Não mintas . . .
Eu vi! . . .

Valsavas:
— Teus bellos
Cabellos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No collo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias;
Tremias;
Sorrias

P'ra outro,
Não eu!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas! . . .
— Não negues,
Não mintas . . .
— Eu vi! . . .

Meu Deus!
Eras bella
Donzella,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sylpho
Risonho,
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso,
Tão liso,
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,

Mandavas
A quem?!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Calado,
Sósinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na valsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem falas,
Nem cantos,

Nem prantos,
Nem voz!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!
— Não negues,
Não mintas . . .
— Eu vi! . . .

Na valsa
Cansaste:
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Scismavas,
E estavas
Tão pallida
Então;
Qual pallida
Rosa
Mimosa,
No valle
Do vento
Cruento
Batida,
Cahida

Sem vida
No chão!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas! . . .
— Não negues,
Não mintas . . .
— Eu vi! . . .

Rio, 1858.

BORBOLETA

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
E louca quer variar?
Se já tens amores bellos,
P'ra que vais dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor trahida
Na debil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciumes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?...

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?!

Tu vês a flor da campina,
E bella e terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem;
Depois, passado o delirio,
Esqueces o pobre lyrio
Em troca d'uma cecem!

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sopro da brisa,
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,

Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca d'uma outra flor;
Ella — a triste, mollemente
Pendida sobre a corrente,
Fallece á mingua d'amor.

Tu tambem, minha inconstante,
Tens tido mais d'um amante
E nunca amaste a um só!
Elles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vais vivendo e não tens dó!

Ai! és muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vais beijar outras flores;
Esqueces os que te amam . . .
Por isso todos te chamam:
— Borboleta dos amores!

Rio, 1858.

QUANDO TU CHORAS

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornam mais bello o cristallino pranto.

Oh! n'essa idade da paixão lasciva,
Como o prazer, é o chorar preciso:
Mas breve passa — qual a chuva estiva —
E quasi ao pranto se mistura o riso.

E doce o pranto de gentil donzella,
E sempre bello quando a virgem chora:
— Similha a rosa pudibunda e bella
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas com um rir celeste,
E a mesma gotta transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas — tão feliz amante!
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
— Serei o sol e tu serás a rosa . . .
Chora, meu anjo, — beberei teu pranto!

Rio, 1858.

CANTO DE AMOR

Eu vi-a e minha alma antes de vel-a
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bella,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como d'um desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz!

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr do sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E n'esta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silencio da noite a virgem vinha,
Soltas as tranças, junto a mim dormir;
E era bella, meu Deus, assim sósinha
Ne seu somno d'infante inda a sorrir! ...

* * *

Vi-a e não vi-a! Foi n'um só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flor,

Mas n'esse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'afago,
E minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista espairecendo vaga,
Quasi indolente, não me viu, ai, não!
Mas eu, que sinto tão profunda a chaga,
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já cahido o véu!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que niveo collo promettendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

* * *

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro
Se preito queres — eu te caio aos pés,
Se rires, — rio, se chorares, choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus braços um sorrir fagueiro,
E d'esses olhos um volver, um só;
E verás que meu estro, hoje rasteiro,
Cantando amores se erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo . . . e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguem te dá;
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, e eternidade — lá!

Se tu, oh linda, em chamma igual te abrazas,
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
Da phantasia nas douradas azas
Nós viveremos n'outro mundo — além!

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus;
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos falará com Deus!

Juntas, unidas n'um estreito abraço,
As nossas almas uma só serão,
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Creará poemas d'immortal paixão!

Oh, vem, formosa, meu amor é santo,
E grande e bello como é grande o mar,

É doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge . . .
Sou como o lyrio que já murcho cahe!
Ampara o lyrio, que inda é tempo hoje!
Orvalha o lyrio que morrendo vai! . . .

Rio, 1858.

VIOLETA

Sempre teu labio severo
Me chama de borboleta!
— Se eu deixo a rosa do prado
E só por ti — violeta!

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas!
Embora vivas na sombra,
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travessa
Vive de sol e de flores . . .
— Eu quero o sol de teus olhos,
O nectar dos teus amores!

Captivo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
— Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel — violeta!

4 Abril.

O QUE?

Em que scismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra? — A infancia!

Que sombra, que phantasma vem banhado
No doce effluvio d'essa quadra linda?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora? — Arinda!

Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades? — D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo,
Surgindo bella qual visão de amores,
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma
Diz-me, poeta — o que escolhias? — Flores!

E se ella, farta dos aromas doces,
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas . . .
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas? — Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva . . .
O que lhe davas meu poeta? — A vida!

Rio, 1858.

SONHOS DE VIRGEM

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que á mente te vem risonhos
Na primavera inda em flor?
No celeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas, virgem? — amor?

Que céus, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos te vem?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada,
Num scismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é — por mim?!

Quando tu dormes tranquilla,
Cerrada a negra pupilla
E o labio doce a sorrir;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir!

Oh sonha! — Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração!
— Puro vergel de açucenas
Ou lago d'aguas serenas
Que estremece á viração!

Feliz! Feliz quem podera
Colher-te na primavera
De galas rica e louçan!
Feliz, oh flor dos amores,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhan!

Rio, 1858.

ASSIM!

Viste o lyrio da campina?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lyrio da campina?
Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,
A dor do nauta
Suspirando no alto mar?
— Nunca ouviste a voz da flauta?
Como a do nauta
É tão triste o meu cantar!

Não viste a rola sem ninho?
No caminho
Gemendo, se a noite vem?
— Não viste a rola sem ninho?
Pois, anjinho,
Assim eu gemo tambem!

Não viste a barca perdida,
Sacudida
Nas azas d'algum tufão?
— Não viste a barca fendida?
Pois, querida,
Assim vai meu coração!

Rio, 1858.

QUANDO? . . .

Não era bello, Maria,
Aquelle tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores
Da vida na primavera?
— Era!

Não tinha o prado mais rosas
O sabiá mais gorgeios,
O céu mais nuvens formosas
E mais puros devaneios
A tua alma innocentinha?
— Tinha!

E como achavas, Maria,
Aquelles doces instantes
De poetica harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabellos?
— Bellos!

Como tremias, oh vida,
Se em mim os olhos fitavas;
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
N'aquella encantada aurora!
— Ora!

E diz-me: não te recordas
— Debaixo do cajueiro,
Lá da lagôa nas bordas
Aquelle beijo primeiro?
Ia o dia já findando . . .
— Quando?

Rio, 1858.

SEMPRE SONHOS! . . .

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu m'erguera cantando essa paixão,
E atirara p'ra longe — sem saudade —
Este véu que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu, que sou como o cardo do rochedo
Quasi morto dos ventos ao rigor,
Encontrara de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços d'esse amor!

Minha fronte, que pende soffredora,
Acharia, meu Deus, inspirações,
E o fogo, que queimou Gilbert e Dante,
Correria mais puro e mais constante
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudara a luz,
E apagara, Senhor, n'um beijo puro
A immensa dor da perda do futuro
Que á morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz das turbas
E esta ancia infeliz de gloria van;
Na vida, que nos corre tão sombria,
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,
E ella — minha irman!

Eu velara, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãi vela o filho que dormiu:
Se um dia ella soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim boliu!

Como á sombra das arvores da patria
S'embala a doce filha dos tupis,

A sombra da ventura e da esperança
Embalara, meu Deus, essa criança
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céu de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,
Espreitara tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva d'um desgosto,
A nuvem d'uma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma
Outro mundo, outro céu, outros vergeis;
Nossa vida seria um doce afago,
Nós — dous cysnes vogando em manso lago,
— Amor — nossos bateis!

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu deixara este amor da gloria van;
N'esse mundo de luz, doce e risonho,
A pudibunda virgem do meu sonho
Seria minha irman!

1858.

PALAVRAS NO MAR

Se eu fosse amado!...
Se um rosto virgem
Doce vertigem
Me desse n'alma,

Turbando a calma
Que me enlanguece! . . .
Oh! se eu pudesse
Hoje — sequer —
Fartar desejos
Nos longos beijos
D'uma mulher! . . .
Se o peito morto
Doce conforto
Sentisse agora
Na sua dor;
Talvez n'est'hora
Viver quizera
Na primavera
De casto amor!
Então minh'alma,
Turbada a calma,
— Harpa vibrada
Por mão de fada —
Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exhalaria
Na melodia
Dos sonhos meus;
E louca e terna
N'essa vertigem
Amara a virgem
Cantando a Deus! . . .

Avon, 1857.

PEPITA

A toi! toujours à toi!
V. Hugo.

Minh'alma é mundo virge' — ilha perdida —
Em lagos de cristaes;
Vem, Pepita, — Colombo dos amores —
Vem descobril-a, no paiz das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo
Nas terras onde és rei;
Á sombra dos bambús vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas
Sósinho a pipilar;
— Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;
As azas a bater, o passarinho
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril
Nos plainos do Sarah;
Vem tu — fada de amor — dar-lhe co'a vara...
Qual do penedo que Moysés tocara
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,
Co'as folhas em setim;
— Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...
Tem poemas de amor, tem melodia
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido á margem
Sem leme, em ocio vil;
— Vem soltal-o, Pepita, e correremos
— Soltas as velas — desprezando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras
Co'as flores em botão;
— Vem ser da primavera o sopro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco,
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer;
— Vem, Pepita, das tardes no remanso,
Da rede dos amores no balanço
Comigo adormecer.

Oh vem! eu sou a flor aberta á noite
Pendida no arrebol!
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios d'esse sol!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.
— Dá-me o riso feliz em vez da magua . . .
O lyrio morto quer a gotta d'agua,
— Eu quero o teu amor!

Rio, 1858.

VISÃO

Uma noite . . . Meu Deus, que noite aquella!
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma criança.

Sorri-me; — era o sonho de minh'alma
Esse riso infantil que o labio tinha:
— Talvez que essa alma dos amores puros
Podesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ella olhou . . . doce mysterio!
Minh'alma despertou-se á luz da vida,
E as vozes d'uma lyra e d'um piano
Juntas se uniram na canção querida.

Depois eu, indolente, descuidei-me
Da planta nova dos gentis amores,
E a criança, correndo pela vida,
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou; — talvez ella adormecesse
Junto á fonte, deitada na verdura,
E — sonhando — a criança se recorde
Do moço que ella viu e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atraz do berço d'ouro d'essa fada;
Rasguei-me nos espinhos do caminho . . .
Cansei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a ver se descubro a face linda...
— Os outros a sorrir passam cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus amores!
Minh'alma sem te ver, louca suspira!
— Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra?!...

Setembro, 1858.

QUEIXUMES

Olho e vejo ... tudo é gala,
Tudo canta e tudo fala,
Só minh'alma
Não se acalma,
Muda e triste não se ri!
Minha mente já delira,
E meu peito só suspira
Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bella e doce vivida
Nos meus lares
Sem pesares
No socego só d'alli!
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
Por ti! Por ti!

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
É meu canto
— Todo pranto,
Qual a voz da jurity!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
Por ti! Por ti!

Ai! se eu pudesse, formosa,
Roçar-te os labios de rosa
Como ás flores
— Seus amores,
Faz o louco colibri;
Esta minh'alma nos hymnos
Erguera cantos divinos
Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
— Qual n'aurora
Que descora,
Desfolhado mogari;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
Á minh'alma dá conforto,
Diz na lousa:
— «Elle repousa,

«Coitado! descansa aqui!» —
Ai! não t'esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora
Por ti! Por ti!...

Junho, 1858.

AMOR E MEDO

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
«— Meu Deus, que gelo, que frieza aquella!»

Como te enganas! meu amor é chamma,
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bella — eu moço, tens amor, eu — medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

E que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,

Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrara a planta qual queimara o galho,
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! se eu te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas nuas! . . .

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio! . . .

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a fala, a protestar baixinho . . .
Vermelha a bocca, soluçando um beijo! . . .

Diz: que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimaras, a pisar descalça;
— Criança louca, — sobre um chão de brazas!

No fogo vivo eu me abrazara inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois . . . desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntaras: — qu'é da minha c'rôa? . . .
Eu te diria: desfolhou-a o vento! . . .

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bella — eu moço; tens amor, eu — medo! . . .

Outubro, 1858.

PERDÃO!

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa,
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lagrima cristallina
Banhou-te a face divina,

E a bella fronte inspirada
Pallida e triste pendeu?!
Choraste?! — E, longe, não pude
Sorver-te a lagrima pura,
Que banhou-te a formosura!
Ouvir-te a voz do alaúde
A lamentar-se sentida!
Humilde cahir-te aos pés,
Offerecer-te esta vida
No sacrificio mais santo,
Para poupar esse pranto,
Que te rolou sobre a tez!
Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor offendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palacio de fada,
— No sonhar da phantasia —
Ardeu em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quiz manchar-te na orgia!

. . . .

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim, — innocente —
Que, se te amou, foi de mais!
Perdão p'ra mim, que não pude
Calar a voz do alaúde,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão, oh flor dos amores,
Se quiz manchar-te os verdores,

Se quiz tirar-te do hastil!
— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!

. . . .

Eu sei, devera sósinho
Soffrer comigo o tormento,
E na dor do pensamento
Devorar essa agonia!
— Devera, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raizes
D'esse amor, e tão descrido
Dos hymnos matar-lhe a voz!
— Devera, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgosto,
Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de maguas — prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me, e — morrer!

. . . .

Não pude! — A mente fervia,
O coração trasbordava,
Interna a voz me falava,
E louco, ouvindo a harmonia
Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto,
E do delirio no pranto
Morri de amores — por ti!

. . . .

Perdão! se fui, desvairado,
Manchar-te a flor d'innocencia,
E, do meu canto n'ardencia,
Ferir-te no coração!
— Será enorme o peccado,
Mas tremenda a expiação,
Se me deres por sentença
Da tua alma a indifferença,
Do teu labio a maldição!...
. . . .
Perdão, senhora!... Perdão! ...

Junho, 1858.

MOCIDADE

Ninon, Ninon, que fais-tu de la vie?
L'heure s'enfuit, le jour succède au jour.
Rose ce soir, demain flétrie,
Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour!...
MUSSET.

Doce filha da languida tristeza,
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
Quando a terra sorri-se e o mar suspira,
Porque te banha o rosto essa amargura?!

Porque chorar quando a natura é risos,
Quando no prado a primavera é flores?
— Não foge a rosa, quando o sol a busca;
Antes se abraza nos gentis fulgores.

Não! — Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos afague;
Uma voz que nos diga os seus queixumes,
Que as nossas maguas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce ou viração calmante;
— Amor — é a fonte que nasceu nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Amai-vos! — disse Deus creando o mundo,
Amemos! — disse Adão no paraiso!
Amor! — murmura o mar nos seus queixumes,
Amor! — repete a terra n'um sorriso!

Doce filha da languida tristeza,
Tua alma a suspirar de amor definha...
— Abre os olhos gentis á luz da vida,
Vem ouvir no silencio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!
A vida, como um sonho — brilha e passa;
Porque não havemos p'ra acalmar as dores
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo! — E que te importa o mundo?
— Velho invejoso, a resmungar baixinho!
Nada perturba a paz serena e doce
Que as rolas gosam no seu casto ninho.

Amemos! — tudo vive e tudo canta...
Cantemos! seja a vida — hymnos e flores;

De azul se veste o céu . . . vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

. . . .

Doce filha da languida tristeza,
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
— Como a flor indolente da campina,
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

Setembro, 1858.

NOIVADO

Filha do céu — oh flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar n'um céu sem nuvens
Desfolha rosas no virgineo leito.

. . . .

Nas horas do silencio inda és mais bella!
Banhada do luar, n'um vago anceio,
Os negros olhos de volupia mortos
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta — meu amor só vela;
Suspira a fonte e minha voz sentida
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual echo fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnolia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe — bem longe — devagar se perde.

Que céu tão puro! que silencio augusto!
Que aromas doces! que natura esta!
Cansada a terra adormeceu sorrindo
Bem como a virgem no cahir da sésta!

Vem! tudo é tranquillo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lyrio do vallado . . .
— Sósinhos, sobre a relva da campina,
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares
Oh filha do sertão, sobre o meu peito!
O moço triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto leito.

. . . .

1858.

DE JOELHOS

Qual resa o irmão pelas irmans queridas,
Ou a mãi que soffre pela filha bella,
Eu — de joelhos — com as mãos erguidas
Supplico ao céu a felicidade *d'ella.*

— «Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que dais voz ás brisas e perfume á rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,
E da vereda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corolla pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem, como a tenra planta,
Nunca floresce sobre terra ingrata;
— Bem como a rola — qualquer folha a espanta,
— Bem como o lyrio — qualquer vento a mata.

Ella é a rola que a floresta cria,
Ella é o lyrio que a manhan descerra . . .
Senhor, amai-a! — a sua voz macia,
Como a das aves, a innocencia encerra!

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro . . .
— Senhor! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flores . . .

— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sobre a flor querida;
Fazei-lhe, oh! Deus! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos — prolongai-lhe a vida!

Depois — de joelhos — eu direi sois justo,
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minh'alma adora! —

Dezembro, 1858.

SONHANDO

Um dia, oh linda, embalada
Ao canto do gondoleiro,
Adormeceste innocente
No teu delirio primeiro,
— Por leito o berço das ondas,
Meu collo por travesseiro! -

Eu, pensativo, scismava
N'algum remoto desgosto,
Avivado na tristeza
Que a tarde tem, ao sol-posto,
E ora mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
E presa de vago anceio
Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
Eu meu nome n'um soluço
Á flor dos labios te veio!

Tremeste como a tulipa
Batida do vento frio . . .
Suspiraste como a folha
Da brisa ao doce cicio . . .
E abriste os olhos sorrindo
Ás aguas quietas do rio!

Depois — uma vez — sentados
Sob a copa do arvoredo,
Falei-te d'esse soluço
Que os labios abriu-te a medo . . .
— Mas tu, fugindo, guardaste
D'aquelle sonho o segredo!

Agosto, 1858.

LEMBRAS-TE?

Diz-me, Julia, não te lembras
Da nossa aurora de amor,
D'aquelle beijo primeiro
Dado com tanto temor;

Palavras apaixonadas
De beijos entrecortadas,
E tuas faces coradas
De virgindade e pudor?

Como era bello esse tempo
Em que tudo nos sorria!
Os campos tinham mais vida,
As tardes mais poesia,
As noites eram formosas,
As brisas voluptuosas,
O jardim tinha mais rosas,
O bosque mais harmonia!

Os dias eram mais curtos,
As horas . . . essas fugiam,
Os regatos murmuravam,
As fontes já não gemiam;
O porvir era brilhante,
De sonhos, embriagante,
E lá na praia distante
As mesmas ondas dormiam!

Era vida, mocidade,
Era amor, era ternura;
Em cada hora — uma esperança,
Cada dia — uma ventura,
Cada rosa — uma illusão,
Nos labios uma canção,
Aqui no peito — um vulcão,
Em ti, Julia — a formosura!

Mas diz-me: tu não te lembras
D'aquella tarde de abril,
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fronte era saudosa,
Em que o céu era d'anil? ...

N'um jardim todo florido,
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados?
Como eu sorvia anhelante,
Quasi louco, delirante,
O sorrir interessante
De teus labios tão corados? ...

Os teus olhos eram — chammas,
A tua bocca — um portento,
As tuas faces — mimosas,
Tua expressão — sentimento,
Eu olhava extasiado,
Eu soffria calado
Esse sentir abrazado,
Esse amor que era — tormento!

Os olhos então falavam
Uma sublime linguagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem,

Embalando docemente
Ora as aguas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus labios aos teus,
Que abrazavam de calor.
Como coraste de pejo
Ao matar esse desejo . . .
Como foi longo esse beijo,
Primeiro beijo de amor! . . .

Diz-me, Julia, não te lembras
D'aquella tarde de abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?

1856.

DESEJOS

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse

De amor em terna expansão;
Do peito calara as maguas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,
(Lá castanhas é que não)
E que cahissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'harpa a vibração,
Suave como a da rola
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção
Thesouros de seios virgens,
Dois pomos de tentação;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um vulcão;
Por ella tudo daria . . .
— A vida, o céu, a razão!

1857.

ELISA

O rouxinol
Que na balseira
Do rio á beira,
Canção fagueira,

Que tão bem sôa,
Cadente entôa
Ao pôr do sol
E no arrebol
D'uma manhan
Fresca e louçan
No doce canto
Cheio de encanto,
Que eu amo tanto,
Soletra — Elisa.
E a mansa brisa
Que beija as flores
Falando amores,
E seus odores
Trazer-nos vem,
Diz-me tambem,
Mas muito a medo,
Quasi em segredo,
Que — Elisa é bella.
E mesmo a estrella
Que em noite escura
No céu fulgura,
Radiante e pura,
Dizer parece
Na fala muda,
Que d'aquelle anjo
A voz d'archanjo
Maviosa canta
Belleza tanta.
Tambem espanta
Que a mesma rosa,
Que é tão vaidosa,

Conheça emfim
Coradas rosas
Bem melindrosas,
Muitas, infindas,
Nas faces lindas
D'um serafim!
E a corrente
Que brandamente,
— Quasi indolente,
Por sobre o prado
Bem matizado
Já se deslisa . . .
Murmura — Elisa.
E o quieto lago,
Espelho mago
Que com affago
Da branca lua
A fronte nua
Mostra na sua
Face tão lisa,
Retrata — Elisa.
E minha lyra
Tambem suspira
Por — Elisa bella,
Dos olhos della
Por um volver;
Em seus sorrisos
Mil paraisos
Eu sonho ver.

. . . .

Aos pés d'um anjo
Um homem chora,
Perdão implora...
Ria-se o mundo,
Ria-se — embora,
E a mulher
Que o poeta adora.
Dá-lhe seus cantos,
Risos e prantos,
E uma alma ardente.

Quando eu morrer,
Da minha campa
Na pedra lisa,
Oh venha a brisa
Dizer — Elisa!
Que venha ella,
Meiga donzella,
Triste e chorosa
Dizer saudosa,
Em voz sentida
— Aqui descansa
O meu cantor. —
Talvez que então,
Pela sua dor
Chamado a vida,
Repita — amor!

1855.

HONTEM Á NOITE

Hontem, — sósinhos — eu e tu, sentados,
Nos contemplámos, quando a noite veio:
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te affagava o seio,
Que palpitava como — ao longe — o mar,
E lá no céu esses rubins pregados
Brilhavam menos que teu vivo olhar!

Co'a mão nas minhas, no silencio augusto,
Tu me falavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim!
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,
Eu disse aos astros: — dai o céu a ella!
Disse a teus olhos: — dai amor p'ra mim!

1859.

LIVRO TERCEIRO

Nascer, luctar, soffrer — eis toda a vida!
GONÇALVES DIAS.

POESIAS DIVERSAS

O BAILE!

Se junto de mim te vejo,
Abre-te a bocca um bocejo,
Só pelo baile suspiras!
Deixas amor — pelas galas
E vais ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras!

Tens razão! — Mais valem risos
Fingidos desses Narcisos,
— Bonecos que a moda enfeita,
Do que a voz sincera e rude
De quem, presando a virtude,
Os atavios rejeita.

Tens razão! — Valsa, donzella,
A mocidade é tão bella,
E a vida dura tão pouco!
No borborinho das salas,
Cercada de amor e galas,
Sê tu feliz — eu sou louco!

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem gemido,
No somno que a dor conforta;
Ao concertar tuas tranças,
No meio das contradanças
Diz tu sorrindo: — «Qu'importa?...

«Era um louco, em noites bellas
«Vinha fitar as estrellas
«Nas praias, co'a fronte nua!
«Chorava canções sentidas,
«E ficava horas perdidas
«Sósinho, mirando a lua!

«Tremia quando falava,
«E — pobre tonto! — chamava
«O baile — alegrias falsas!
«— Eu gosto mais dessas falas
«Que me murmuram nas salas
«No ritornello das valsas. —»

Tens razão! — Valsa, donzella,
A mocidade é tão bella,
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fez Deus as mulheres,
P'ra que ha na vida prazeres?
Tu tens razão... eu sou louco.

Sim, valsa, é doce a alegria,
Mas ai! que eu não veja um dia,
No meio de tantas galas,
Dos prazeres na vertigem,
A tua c'rôa de virgem
Rolando no pó das salas!...

Julho, 1858.

PALAVRAS A ALGUEM

Tu folgas travessa e louca
Sem ouvires meu lamento;
Sonhas jardins d'esmeralda
Nesse virgem pensamento;
Mas olha que essa grinalda
Bem póde murchal-a o vento!

Ai que louca! Abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,
Escripto em noites d'angustia,
Regado com muito pranto,
E..., quasi rasgaste as folhas
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos,
Em vez das alvas areias!...
Deleita-te a voz fingida
Dessas formosas sereias...
Mas eu te falo e te aviso:
— «Olha que tu te enlameias!» —

Tu és a pomba innocente,
Eu sou teu anjo da guarda,
Devo dizer-te baixinho:
— «Olha que a morte não tarda!
«Mariposa dos amores,
«Deixa a luz, embora arda.

«A chamma seduz e brilha
— «Qual diamante entre as gazas —
«E tu no fogo maldito
«Tão descuidosa te abrazas!
«Mariposa, mariposa,
«Tu vais queimar tuas azas!»

Conchinha das lisas praias
Nasceste em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!...
— Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlameias!...

1858.

FOLHA NEGRA

Sinhá, um outro mancebo
Alegre, poeta, e crente,
Soltara um canto fervente
De amor talvez! — de alegria,

E aqui nas folhas do livro
Deixara — amor e poesia.

Mas eu, que não tenho risos,
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Que a mocidade consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

É triste como um gemido,
E vago como um lamento;
— Queixume que solta o vento
Nas pedras d'uma ruina,
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as aguas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
— Já morto — se apega á vida!

Vozes de flauta longiqua
Que as nossas maguas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que rola,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da viola!...

Saudades do pegureiro,
Que chora o seu lar amado,

— Calado e só — recostado
Na pedra d'algum caminho...
Canção de santa doçura
De mãi que embala o filhinho!

Meu nome!... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
— Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome...
— Sinhá!... das folhas do livro
É bom tirar o meu nome!...

Setembro, 1858.

BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flores no meu canto amigo
— Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amores — deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

E cedo ainda! — Quando moça fores
E percorreres deste livro os cantos,
Talvez que eu durma solitario e mudo
— Lyrio pendido a que ninguem deu prantos!

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singela,
E nesse ramo, que o sepulchro implora,
Paga-me as rosas desta infancia bella!

Junho, 1858.

INFANCIA

Oh anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
— Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Oh anjo da loura trança,
És criança,
A vida começa a rir.
— Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

Oh anjo da loura trança,
Não descansa
A primavera inda em flor;
Por isso aproveita a aurora
Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

Oh anjo da loura trança
A dor lança
Em nossa alma agro descrer.
— Que não encontres na vida,
Flor querida,
Senão continuo prazer.

Oh anjo da loura trança,
A onda é mansa,
O céu é lindo docel;
E sobre o mar tão dormente,
Docemente
Deixa correr teu batel.

Oh anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!...
— Correm brisas das montanhas.
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Rio, 1858.

A UMA PLATEIA

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergontea nasce o galho;
E a flor p'ra ter mais vida,
Para ser — rosa querida —
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo:
Quando timido elle adeja,
— Qual ave que se espaneja —
Como a flor, tambem precisa
Em vez do sopro da brisa
O sopro da sympathia
Que lhe adoce os amargores,
Para em horas de cansaço
Na estrada que vai trilhando
Encontrar de quando em quando
Por entre os espinhos — flores.
E vós, que acabais de ouvil-o
A suspirar nesse trillo
No seu gorgeio primeiro;
Vós, que vistes o seu começo,
Dai-lhe essas palmas de apreço
Que é artista e... brazileiro!

Setembro, 1858.

NO TUMULO D'UM MENINO

Um anjo dorme aqui: na aurora apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida alevantado o véu.
— Rosa tocada do cruel graniso —
Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p'ra brincar no céu!

Maio, 1858.

A J. J. C. MACEDO JUNIOR

> Poëte, prends ta lyre; aigle, ouvre ta jeune aile;
> Étoile, étoile, lève-toi!
>
> V. Hugo.

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co'o sorriso nos labios, franco e ledo
Aperto a tua mão:
Cantor das açucenas, crê-me agora,
Este canto, que a lyra balbucia,
É pobre; mas de irmão!

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita
De glorias e de amor:
Se ouço Arthur ao piano, eu me extasio,
Mas ouvindo teus hymnos, me arrebato
E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos annos,
Não sei que vozes nos entornam n'alma
Canções de cherubim!
Uns perdem, como eu, cedo os verdores,
Mas outros crescem no primor das graças
E tu serás assim!

Oh mocidade, como és bella e rica!
Hymnos de amores neste sec'lo bruto!
Louvor ao menestrel!

Palmas a ti, cantor das açucenas!
Quatorze primaveras nessa fronte
    Similham-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
    Das languidas cecens,
Pódes, criança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
    Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sybarita indolente, sobre rosas
    Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento — estuda e pensa —
    É bello o teu porvir!

Não faças como nós; na infancia apenas
Solta poeta o gorgear de amores,
    Que é doce o teu cantar.
Seja a vida p'ra ti só riso e galas,
E adormeças a scismar chimeras
    Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
    Das longas saturnaes;
Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as azas, minha pomba casta,
    E foge dos pardaes.

Não manches, meu poeta, as vestes brancas
No mundo infame; mirra-se a grinalda
E vão-se as illusões!
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vai-vem teimoso
Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia,
Que engana com sorriso de feitiços
— Tão pallida Rachel!
Não encostes na taça os labios sofregos...
O vaso queima e beberás nos risos
Da amargura o fel!

Conserva na tua alma a virgindade,
E tenha o coração na rica aurora
Das rosas o matiz;
Se a donzella cuspir nos teus amores
Chora perdida essa illusão primeira...
Mas vive e sê feliz!

Se a dor for grande, não te vergues fraco,
Oh! não escondas no sepulchro a fronte
Aos raios deste sol;
Não vás como Azevedo — o pobre genio —
Embrulhar-te sem dó na flor dos annos
Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,
A patria, o céu azul, o mar sereno,
A veiga que seduz;

E possa, meu poeta, essa existencia
Ser um lindo vergel todo banhado
De aromas e de luz!

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céu echos mais santos,
Que a terra não dará;
Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde
A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem deste mundo de miserias
A estupida mudez!
E dos preludios dessa lyra ingenua
Em poucos annos surgirá brilhante
Millevoye — talvez!

Maio, 1858.

UMA HISTORIA

A brisa dizia á rosa:
— «Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio, minha flor!

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar;
E de noite na corrente
Mansamente,
Mansamente te embalar!» —

E a rosa dizia á brisa:
— «Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!» —

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre d'ella! — Teve a morte,
Porque o norte,
Porque o norte a desfolhou!...

Novembro, 1858.

TRES CANTOS

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folguedos de innocencia,
Nos delirios de criança;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura —
Nessa continua ventura
É toda um hymno: — esperanças!

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, fogosa e bella —
Idolatrando a donzella,
Soletra em trovas: — amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma cansada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida —
Só tem um canto: — saudade!

Fevereiro, de 1858.

POIS NAO É?!

Ver cahir o cedro annoso
Que campeava na serra,
Ver frio baixar á terra
O pobre velho bondoso,
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade,
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido á voz da procella,
No mundo — jardim lascivo —
A vida foi longa e bella.

Mas ver a rosa do prado
Que a aurora deu cor e vida,
De manhan — flor do vallado,
De tarde — rosa pendida!...

Mas ver a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sopro da viração;
Mas vel-a depois lascada
Em duas cahir no chão!...

Mas ver o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro,
Nas glorias do seu futuro
Dourando a vida de luz;
Mas vel-o quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia
Se derramava em poesia;
Quando junto da donzella
— Captivo dos olhos della —
Na voz que balbuciava
De amores falava a medo;
Quando o peito trasbordava
De crenças, de amor, de fé,
Vel-o finar-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É dor de mais — pois não é?!

Indayassú, 1857.

NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado
— Cabeça branca — sentado pensativo
D'um carvalho ao pé;
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
— Ao lado o seu bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa
De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo,
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura de judeus;
O mendigo estendeu a mão mirrada,
E pediu-lhe na voz entrecortada:
— Uma esmola, por Deus!

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra,
Sem responder, passou!
O pobre recolheu a mão vasia...
O anjo tutelar velou seu rosto,
Mas — Satanaz folgou!

Rio, 1858.

NO JARDIM

SCENA DOMESTICA

Tête sacrée! enfant aux cheveux blonds!
V. Hugo.

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo — o anjo louro,

E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia nesse olhar suave
Todo o perfume dessa flor da infancia,
Ouvia alegre o gazear dessa ave!

Depois, a borboleta da campina
Toda azul — como os olhos grandes della —
A doudejar gentil passou bem junto,
E beijou-lhe da face a rosa bella.

«— Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea fala,
Mamãi me ralha, se eu ficar cansada,
Mas — dizia a correr — hei-de apanhal-a!»

Eu segui-a chamando-a, e ella rindo
Mais corria gentil por entre as flores,
E a — flor dos ares — abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes cores.

Iam, vinham, á roda das acacias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: «— Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!...»

Dezembro, 1858.

CLARA

Não sabes, Clara, que pena
Eu teria se — morena
Tu fosses em vez de *clara*!
Talvez... Quem sabe? não digo...
Mas reflectindo comigo,
Talvez nem tanto te amara!

A tua cor é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bocca breve,
O teu sorriso é delirio...
Ês alva da cor do lyrio,
És *clara* da cor da neve!

A morena é predilecta,
Mas a *clara* é do poeta:
Assim se pintam archanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra,
Emquanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente:
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabello;
— A *clara* é sempre mais fria,
Mas dá-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gelo!

A cor morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
— O teu sorriso é delirio...
És alva da cor do lyrio,
És *clara* da cor da neve!

Rio, 1858.

O QUE É SYMPATHIA?

A UMA MENINA

Sympathia — é o sentimento
Que nasce n'um só momento,
Sincero, no coração;
São dous olhares accesos
Bem juntos, unidos, presos
N'uma magica attracção.

Sympathia — são dous galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe ás vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gemeas
Que riem no mesmo riso,

Que choram nos mesmos ais;
São vozes de dous amantes,
Duas lyras similhantes,
Ou dous poemas iguaes.

Sympathia — meu anjinho,
É o canto de passarinho,
É o doce aroma da flor;
São nuvens d'um céu d'agosto
É o que m'inspira teu rosto...
— Sympathia — é — quasi amor!

Indayassú, 1857.

A ROSA

Como ostentas seducção!
Oh! como és linda e formosa,
Como és bella e caprichosa,
Minha florinha mimosa
Em tão virginal botão!
Sobre as aguas da corrente,
Que murmura mansamente,
Como te inclinas contente
Ao sopro da viração!
O teu perfume tão brando,
Os ares embalsamando,
De gosos me embriagando,
Como fala ao coração!
Oh! como falas de amor,

Mimosa, purpurea flor!
Mas eu não te colho, não!...
Quando te vir outra vez,
Amanhan mesmo — talvez
Já não inspires paixão.
Já estarás desbotada,
Pallida, murcha, coitada,
Com tua fronte inclinada,
Com tuas folhas no chão!...
E eu direi: ella vivia...
Longa vida promettia
Essa rainha d'um dia;
Depois veio o furacão,
E, ai! deixou-a cahida,
De suas galas despida,
Sem brilho, sem cor, sem vida!
— Uma rosa, uma illusão.

1856.

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais:
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois c'os terrores da praça
Andava a gente a fugir:
Agora, calmando o medo,
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda,
Tamar foi o mais feliz:
Os outros trazem cebolas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe gargalhadas,
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
Desses eternos *Maneis:*
Os barões andam ás duzias,
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel:
Ou quer na prosa ou no verso,
Dá-lhes bem severo ensino,

Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,
As lettras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambulhões;
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tela
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,
E os louros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:
Se és portuguez lá na Europa,
Aqui, vivendo comnosco
Debaixo do colmo tosco,
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são demais:
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

1860.

A AMIZADE

Já farto da vida, dos annos na flor,
O peito me rala pungente saudade;
Trahido nas crenças, trahido no amor,
Meu canto recebe, celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei
Repleto de gosos, um mundo ideal,
Quando terna outr'ora a mulher que eu amei
A mim me jurara ser sempre leal.

Oh tu, meu amigo, permitte que um pouco
A fronte recline n'um peito d'irmão;
Enxuga, se pódes, o pranto do louco,
Que em paga de affectos só teve a traição!

Em tempos felizes, n'um dia formoso,
Na relva sentados, bem juntos, unidos,
No peito encostado seu rosto mimoso,
A ingrata me dava sorrisos... fingidos!

Ai! crente, eu beijava seus labios corados
Com beijos ardentes, com beijos de amor,
E Laura jurava que, quando apartados,
Viver não queria, morreria de dor!

Partir foi preciso... abracei-a chorando...
E Laura chorou!... eu de dor solucei...
Mas tempos depois que, contente voltando...
Julgava beijal-a, já não a encontrei!

Mulher enganosa, quebraste essas juras
Que em prantos me deste diante de Deus!
Mas tu não te lembras que as faces impuras,
Que os labios corados roçaram os meus?!

Poeta e amante eu um mundo sonhei
Repleto de gosos, um mundo ideal...
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,
Como flor tombada por um vendaval.

Errante vagando por vales sombrios
Co'a mente em delirio, em cruel anciedade;
A morte buscando nas aguas dos rios,
Me disse uma voz: — Inda resta a amizade!

«Esquece esse fogo, esse amor, um delirio
«Que aqui te cavava profundo jazigo;
«Ao mundo de novo, termina o martyrio,
«A fronte reclina n'um peito de amigo.»

— Ao mundo voltei, esqueci os amores
No peito apagando uma forte paixão;
Agora a amizade mitiga-me as dores,
Sê tu meu amigo, serei teu irmão!

Agosto, 1853.

NO ALBUM DE NICOLAU VICENTE PEREIRA

Tudo muda com os annos:
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!
— Tudo se gasta e se afeia,
Tudo desmaia e se apaga,
Como um nome sobre a areia,
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas,
Gravadas fundas em si!
— Essas duram; mas que vale
Um nome desconhecido,
Se ha-de ser logo esquecido,
O nome que eu deixo aqui?

1860.

LIVRO NEGRO

> . . . . o livro
> Da minh'alma, livro santo,
> Escripto em noites de angustia
> Regado com muito pranto.
> C. de Abreu, *Pal. á alg.*

POESIAS ELEGIACAS

HORAS TRISTES

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas,
Nas trevas um fanal!

Eu soffro e esta dor que me atormenta,
É um supplicio atroz!
E p'ra contal-a falta á lyra cordas,
E aos labios meus a voz!

Ás vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite na mudez
Eu crio na cabeça mil phantasmas,
Que aniquilo outra vez!

Doe-me inda a bocca, que queimei sedento
Nas esponjas de fel;
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pai que as bellas filhas
Viu languidas morrer,
E já não pousam no meu rosto pallido
Os risos do prazer!

E comtudo, meu Deus! eu sou bem moço;
Devera só me rir,
E ter fé e ter crença nos amores,
Na gloria e no porvir!

Eu devera folgar nesta natura
De flores e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro,
Estrella que seduz!

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
O canto que maldiz!

Os outros, — os felizes deste mundo,
Deleitam-se em saraus;

Eu solitario soffro e odeio os homens,
P'ra mim são todos maus!

Eu olho e vejo... — a veiga é de esmeralda,
O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
O lodo d'um paul!

Mas se ella — a linda filha do meu sonho,
A pallida mulher
Das minhas phantasias, dos seus labios
Um riso, um só me der;

Se a doce virgem pensativa e bella,
— A pudica vestal
Que eu creei n'uma noite de delirio
Ao som da saturnal;

Se ella vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim:
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu labio afagar a minha fronte
Tão férvido vulcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As falas da paixão;

Se cahir desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!...

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dor do coração!

Talvez que nos meus labios desmaiados
Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na gloria e no porvir!

Talvez minh'alma resurgisse bella
Aos raios desse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse á vida
Com ancia e com ardor,
E pudesse, aspirando os seus perfumes,
Viver do seu amor!

P'ra ella então seria a minha vida,
A gloria, os sonhos meus;
E dissera, chorando arrependido:
Bemdito seja Deus! —

Abril, 1858.

DORES

Ha dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola
Ou suspeita sequer!
Maguas maiores do que a dor d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De labios de mulher!

Doces falas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvido de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivam,
E loucos vamos em delirios novos
Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abraza,
Que quer banhar-se nessas aguas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anceio do bolir das ondas
Palpitam corações.

Não! a dor sem cura, a dor que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
A duvida a sorrir!
É a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
Dos sonhos do porvir!

É ver que nos arrancam uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro.
Que vôam para Deus!
E ver que nos apagam d'alma as crenças,
E que profanam o que santo temos
Co'o riso dos atheus!

E assistir ao desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
Tão candidas de fé!
É ver sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeital-a até!

É viver, flor nascida nas montanhas,
P'ra aclimar-se, apertada n'uma estufa
Á falta de ar e luz!

É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dores,
Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dor é funda,
Quanto pranto se engole e quanta angustia,
A alma nos desfaz!
Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos acena ao longe
Nas longas saturnaes.

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco,
Qual d'antes, já não vem;
Um véu nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem!

Murchar-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar!
E a fronte joven, que o pesar sombreia,
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
Nos leitos dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés!

Esquecimento! — mortalha para as dores —
Aqui na terra é a embriaguez do goso,
A febre do prazer;
A dor se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
É doce então morrer!

Depois o mundo diz: — «Que libertino!
A folgar no delirio dos alcouces
As azas empanou!» —
Como se elle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fosse quem matou!...

Oh! ha dores tão fundas como o abysmo,
Dramas pungentes que ninguem consola,
Ou suspeita sequer!
Dores na sombra, sem caricias d'anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem beijos de mulher!...

Rio, 1858.

***

Pobre creança, que te affliges tanto,
Porque sou triste, e se chorar me vês,
É que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez,

Deus te abençoe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta de celeste goso
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do choro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura: — Como o canto é lindo! —
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei:
Talvez — desejos — d'algum lindo lago,
— Ancias — d'um mundo com que já sonhei!...

E eu soffro, oh anjo; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dor,
E passa linda do meu sonho a filha,
Soltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares,
Á beira d'agua, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céu de luz;
E eu — desperto do meu sonho verde —
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhan da vida
Nem flores tenho, nem prazer tambem!
— Roto mendigo que não tem guarida —
Timido espreito, quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dores
D'ulcera funda que ninguem curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação louçan!
Tu foste o lyrio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhan.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno a viração subtil,
Mas veio o vento no correr no dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou,
Tu foste a gotta de bemdito orvalho,
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derramam n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste; se te ouvir a fala
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce, que teu labio exhala,
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo,
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Hei-de adorar-te como adoro a Deus!

1858.

FRAGMENTO

. . . .

O mundo é uma mentira, a gloria — fumo,
A morte — um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que se esvai na campa!

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se bello d'illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida;
E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois — louco sublime — elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as maguas,
Cria phantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, lucta e se afadiga embalde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato — quer achar por força
Perola fina em lodaçal immundo!
— Menino louro que se cansa e mata
Atraz da borboleta que travessa
Nas moitas do mangal vôa e se perde!...
. . . .
. . . .

Dezembro, 1858.

LEMBRANÇA

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma *lembrança,*
Levando n'alma a esperança

E a saudade que consome.
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus labios dirão: — coitado!

Junho, 1858.

ANJO!

Sub umbra alarum tuarum.

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavaes ao correr;
Tu foste a gotta dourada
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro, bem só;
Tu disseste: — Ergue-te, Lazaro! —
E o morto surgiu do pó!

Eu era sombrio e tristo...
Contente minh'alma é;
E duvidava... sorriste,
Já no amor tenho fé.

A fronte, que ardia em brazas,
A seus delirios pôz fim
Sentido o rigor de azas,
O sopro d'um cherubim.

Um anjo veio e deu vida
Ao peito de amores nú:
Minh'alma agora remida
Adora o anjo — que és tu!

Julho, 1858.

MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plain — je veux pleurer!
LAMARTINE.

Minh'alma é triste como a rola afflicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo, que o soluço imita,
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rola que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas
E no seu livro de fanado goso
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gosos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porquê — mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Ás vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa.

E como a rola que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gosos no correr dos annos!
Só eu não sei em que o prazer consiste.
— Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos — a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato;

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella;
Mas dessa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a prendi nos braços!
Que o diga e fale o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dous laços,
Ambos chorámos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gosos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'reia
Que em doce canto me attrahiu na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gosos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Foram-se as flores — minh'alma é triste!

12 março, 1858.

Á MORTE DE AFFONSO MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCOLA CENTRAL

Who has not lost a friend?...
M.

É triste ver a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!
É bem triste dos annos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
N'um craneo de vulcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto,
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
Ás vezes no embryão?!...

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
No socego do val?...
— Não veriamos nós neste martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lyrio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! Nesse peito nobre
E nessa fronte, que o sepulchro cobre,
Era fundo o sentir!
Agora solitario tu descansas,
E comtigo esse mundo de esperanças
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horizonte a vela
Nas nevoas da manhan!
A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
Á voz de sua irman!

E mudo aquelle a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
Agora é fria já!

Não mais nos *bancos* esse rosto amigo,
Hoje escondido no fatal jazigo
Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da gloria que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deu;
Martyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeu nos livros esse fel que mata
E pobre adormeceu!

Era bem cedo! — na manhan da vida
Chegar não pôde á terra promettida
Que ao longe lhe sorriu!
Embora desta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternaes carinhos,
Cansado succumbiu!

Era bem cedo! — Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor dessa alma
Ao colher do futuro a verde palma
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
Bemdizem só a Deus —
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, á beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descansa! se no céu ha luz mais pura,
De certo gosarás nessa ventura
Do justo a placidez!
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
— Não tarda a minha vez!

Maio, 1858.

NO LEITO

Se eu morresse amanhan!
A. DE AZEVEDO.

Eu soffro; — o corpo padece
E minh'alma se estremece
Ouvindo o dobrar d'um sino!
Quem sabe? — A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a nota d'um hymno!

A febre me queima a fronte
E dos tumulos a aragem

Roçou-me a pallida face:
Mas no delirio e na febre
Sempre teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Véla á minha cabeceira,
Rodeada de poesia,
Tão bella como no dia
Em que vi-te a vez primeira!
Teu riso a febre me acalma;
— Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a eu, pobre, palpito,
Sou feliz e esqueço as dores.

Se a morte colher-me em breve,
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
— Será queixoso e sentido,
Como da rola o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa
Se mais longa Deus m'a dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flor dos annos
Banhada da luz do sol!
Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das melodias,

Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
Á beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.
Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei!
— Adeus oh! sonhos dourados,
Adeus oh! noites formosas,
Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos criei!

———

Ao menos, nesse momento
Em que o lethargo nos vem,
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a fronte já fria
No collo de minha mãi!

Mas eu bemdigo estas dores,
Mas eu abençôo o leito
Que tantas maguas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora — viverá!
— Que ás vezes na cruz singela
Tu irás pallida e bella
Desfolhar uma saudade!
— Que de noite, ao teu piano,
Na voz que a paixão desata,
Chorarás a — *Traviata*

Que eu d'antes amava tanto
Nas ancias de tanto amor!
— E que darás compassiva
Uma gotta do teu pranto
Á memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bemdita, bemdita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma falar co'a minha
Nessa linguagem do céu
Que o pensamento adivinha!
Eu — o filho da poesia —
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

Que tem a morte de feia?!
— Branca virgem dos amores,
Toucada de murchas flores,
Um longo somno nos traz;
E o triste que em dor anceia
— Talvez morto de cansaço —
Vai dormir no teu regaço —
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasgas o véu
Que a eternidade nos véla;
E nós — os filhos do erro —
Libertos deste desterro,

Vamos comtigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,
Sonhar os sonhos do céu!...
Ha tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos cyprestes!
Tanta dor nas brancas vestes!
Tanta doçura ao luar!
— Que alli o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
Á sombra dos arvoredos
Póde viver a sonhar!

Assim, — se amanhan, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sopro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus;
— Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
— Toda saudade e amores —
Vai dizer-te o extremo — adeus ...!

Agosto, 1858.

RISOS

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste — quem nega?
— Nem val a pena dizel-o.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabello!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora — é toda venturas,
De tarde — doce tristeza,
De noite — sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
— A dor das visões passadas —
A mocidade — queixumes,
Só a infancia tem risadas!

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

Rio, 1858.

A VIDA

Nunca vistes uma rosa,
Primeiro abrindo mimosa
O seu botão purpurino,
Mostrando depois, vaidosa,
Aos vivos raios do sol
Do rocio matutino
Essas gottas tão brilhantes
Que similham diamantes?

Não vistes depois a rosa
Toda garrida e louçan,
De abril em fresca manhan
Pompeando lindas cores,
Pelo zephiro embalada,
Sobre a lympha debruçada
Formosa falando amores?

Não vistes depois á tarde
E quando o sol já não arde,
Como a flor está tão triste,
Co'a bella fronte pendente,
E como a tepida aragem,
Que sussurra na folhagem,
A vem beijar docemente?

E depois, no outro dia,
Essa flor que se sorria
Cheia de graça e de vida.
Não a vistes vós pendida,

Co'a viva cor já perdida,
E que a brisa caprichosa
Dessa tão pallida rosa,
Uma a uma as folhas todas
As arrancava sorrindo,
E no regato sonoro
Assim as ia lançando,
E que essas folhas boiando,
Com a corrente fugindo,
Lá ao longe se perdiam!...

Olhai, assim é a vida!
Na infancia somos felizes,
Temos da rosa os matizes,
Quando se abre em botão;
E as puras gottas de orvalho
Que a rosa no seio tem,
Não sabeis vós que ellas são
Os prantos de nossa mãi,
Que cahem silenciosos,
Eloquentes, amorosos,
Quando no berço deitados,
Com nossos olhos cerrados,
Ella nos vem contemplar
Como um anjo que o bom Deus
Enviasse lá dos céus
P'ra o nosso somno velar?...

A nossa infancia querida
— A primavera da vida,
Quando alegres e contentes,
Descuidosos, innocentes,

Nós trepamos ás collinas,
Nós corremos pelo prado,
Colhendo as frescas boninas
Que vegetam no vallado,
Comparai-a vós á rosa
Corada e bella a florir
Quando as auras vespertinas
D'afagos a vem cobrir.

Esse sol que anima a flor
De tarde, no valle ameno,
Por entre os choupos annosos,
É esse brilho sereno,
Cheio de mago fulgor,
Dos olhos negros, formosos,
Da virgem de nossos sonhos,
Quando seus labios risonhos
Nos dizem falas d'amor,

E as folhas que a rosa deixa
Do seu seio desprendidas,
São as nossas illusões,
Que pouco a pouco perdidas,
Vão uma a uma cahindo.
E na corrente dos annos,
Coitadas, vão-se sumindo!

Assim como a linda rosa,
Murcha e cahe no seu rosal,
Não resistindo — mimosa,
Ao sopro do vendaval,

A vida tambem se extingue
Quando estala o coração
Pela perda d'uns amores!...
— A derradeira illusão!...

A J...

Minh'alma dorme, indolente
A tudo o que é grande e bello,
Ai! não sei que pesadelo
Assim me pousou na mente!
De balde agora procuro
Os sonhos do meu futuro
De amor e gloria tão cheios,
Na quadra dos devaneios
E das longas illusões!

Mas se docil a teus dedos
O teu piano palpita,
Se derramas teus segredos
Nessa harmonia infinita,
Nessa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma — desperta.

Desse fatal pesadelo
Sacode o manto de gelo,
Banha-se em novo fulgor,
Ama a luz que o sol exhala,
E em cada nota que fala
Soletra um hymno de amor!

Mas se tambem indolente
O teu piano se cala,
Minh'alma é só languidez.
— Como a criança dormente,
Que os olhos subito abrira,
Queixosa e triste suspira,
E — sem ti — dorme outra vez!

1859.

OS MEUS SONHOS

Como era bello esse tempo
De tão doces illusões,
De tardes bellas, amenas,
De noites sempre serenas,
De estrellas vivas e puras;
Quadra de riso e de flores,
Em que eu sonhava venturas,
Em que eu cuidava de amores!

Ah! minha infancia saudosa,
Que me mostravas á mente,
Nesse viver innocente,
Tão verdejante e florida
A longa estrada da vida,
Que é toda escabrosa!
E eu, inexperta criança,
Que tinha fé no porvir
Por ver o mar em bonança
E minha mãi a sorrir!...

E julguei que era verdade!
E acreditava nos sonhos
Feiticeiros e risonhos!...
Illusões da mocidade
Cheias de terna magia,
Nascem douradas e bellas
Como o fulgor das estrellas...
E morrem no mesmo dia!...

Sonhei que o mundo era um prado
Lindo, lindo, matizado
Das flores do meu jardim;
Sonhei a vida uma estrada
De gosos entrelaçada,
De gosos que não tem fim.

Esses sonhos de magia
Criei-os na phantasia
Á meiga luz do luar,
E quando conta segredos
Na rama dos arvoredos
A brisa que beija o mar.

Sonhei-os assim brilhantes
N'aquelles doces instantes
De silencio e de oração;
Quando as estrellas seduzem
E quando os labios traduzem
As vozes do coração.

Sobre o peito reclinada
Eu tinha a fronte inspirada

D'uma formosa mulher,
E fraco um raio da lua
Beijando-lhe a face nua
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena
Um rosto como o de Helena
Nunca, nunca illuminou;
E nunca ouvirei na vida
Voz mais terna e mais sentida
Dizer-me: — Sou tua, sou!

N'uma noite mui fagueira,
Como visão prazenteira,
Por entre beijos de amor,
Eu vi surgir uma estrella
Linda, linda, muito bella,
Com doce e meigo fulgor.

Na perdida phantasia,
De luz, de amor, de alegria
Abrilhantei o porvir,
E segui, qual mariposa,
Aquella chamma formosa,
Que eu via ao longe luzir!

Mentira, tudo mentira!
Os meus sonhos... illusões!
As cordas da minha lyra
Já não soletram canções,
A mente já não delira,

E se louco n'um momento
Revolvo no pensamento
Esse passado de amores...
Se triste o peito suspira...
Eu ouço um echo da terra
Bradar-me com voz que aterra:
Mentira, tudo mentira!

Foram sonhos. Eram lindos,
Eram lindos... mas passaram;
E desses sonhos já findos
Só lembranças me ficaram.
Só lembranças bem saudosas
Dessas noites tão formosas
Em que os sonhos despertaram,
Só lembranças desses sonhos,
Desses sonhos que passaram!...

Hoje vivo, se é que é vida
Andar co'a fronte pendida
Calado e triste a scismar,
E nessa immensa tristeza
Nessas horas d'incerteza
Em que adormece o luar,
Em que toda a natureza
É silencio, amor e paz;
Eu sinto a alma saudosa
Perguntar com voz queixosa:
— Lindos sonhos, onde estais?

Então um echo medonho
Responde por cada sonho
C'um gemido... e nada mais!

A'minha sina cumpriu-se,
A sina que Deus me deu!
O echo responde triste:
A linda estrella — sumiu-se!
A tua Helena — morreu!

1858.

MEU LIVRO NEGRO

A GONÇALVES BRAGA

Eu sei que é santo e bom e das almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado perdão;
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,
Á velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão!

Obrigado! obrigado! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam: — «Inda é longe,
Muito longe o porvir?»

Obrigado! obrigado! tu respondes,
E queres que eu descubra no horisonte
O que é nuvem talvez!

Obrigado, cantor! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
P'ra cobrir-me a nudez!

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convido
Á porta do meu lar,
Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do — Livro Negro —
Tu pódes caminhar.

Escuta: — Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto — primaveras,
Aos goivos — um jardim!
— Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
O tronco d'um jasmim!

E verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
De vago e de ideal!
Eram centelhas! mas dormindo ás soltas,
Eu deixei consumir-se o fogo santo
— Estupida vestal!

Agora em vão procuro aquelles cantos
As rosas do jardim e o sonho amigo,
Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não póde sonhar! Meu Deus, é tarde!
A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céu estrellas vivas,
Nem lyrios as manhans.
Eu por cada illusão vivi dez annos!
O fructo da illusão nasceu precoce...
Sou moço e tenho cans!

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nus ao céu se elevam
Na supplica de dó!
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verde no monte e na collina...
Mas ai! no inverno eu só!

Na testa trago a ruga prematura,
E do labio na prega desdenhosa
Não ha odio, mas fel!
— Ruinas d'um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
— Mais longe um capitel!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala — amores,
Perfumes — o jardim!

Cuspiram-me na fronte e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
Ás garras da oppressão;

E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flores,
Extinguiu-se o vulcão!

Por cada conto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos — o escarneo que apunhala,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga,
Mas a raça dos vis campeia impune
Porque sei perdoar!

Obrigado! obrigado! É doce ao menos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal!
A lagrima a cahir se muda em riso,
E póde a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival!

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
— Na fronte a inspiração, nas mãos a lyra,
E no teu peito o ardor!
Adeus! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco luctador!

Pódes ir; eu te abraço e te abençôo!
Volta e traze comtigo as verdes palmas
Que o futuro te der:
Adeus! eu não te sigo... eu não perjuro...
A gloria é uma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher!

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, á luz do sol!
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama — a valla,
Por mortalha — o lençol!

Não quero a gloria, não! a gloria mente,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
E sangra o coração!
Não quero a gloria: — eu peço ao céu socego,
Um bocado de amor, flores no campo,
E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,
Sósinho e bem feliz!
Por noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
Que a lyra nunca diz!

Ha tristeza no choro das cascatas,
Ha mysterios nas vozes das florestas,
Ha silphos pelos céus!
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,
E baixo adora a Deus!

Da mulher adorada a fronte santa
Sentirei, no sagrado dos colloquios,
Como é fundo o sentir!

Do seu amor — que é perola sem preço —
Eu farei meu presente e meu passado,
Meu sonho o meu porvir!

A vida no deserto é lago placido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!
— Eu lá serei feliz; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração resada á noite
Pela quadra infantil;
Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo; sei que o amor é santo
E sei que a gloria é vil?

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas!
Ai! é tarde, cantar! não posso... é tarde,
Não me embala a illusão!
Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo p'ra dizer-te d'alma:
«Oh! obrigado, irmão!»

Eu da porta da tenda te abençôo!
Pódes ir, bom romeiro do progresso...
Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
— Oh! o amor da mulher por quem se chora
Vale mais que o porvir!

1859.

ULTIMA FOLHA

Meu Deus! Meu Pai! Se o filho da desgraça
Tem jus um dia ao galardão remoto.
Ouve estas preces e me cumpre o voto
— A mim que bebo do absyntho a taça!

— «Feliz serás se como eu soffreres,
«Dar-te-hei o céu em recompensa ao pranto» —
Vós o dissestes — E eu padeço tanto!...
Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubam meus crueis tyrannos:
Amor, familia, felicidade, tudo!...
Palmas da gloria, meus laureis do estudo,
Fogo do genio, aspiração dos annos!

Mas o teu filho já se não rebella
Por tal castigo, pelas maguas duras;
— Minh'alma off'reço ás provações futuras...
Venha o martyrio... mas — perdão p'ra *ella!*...

A doce virgem se assemelha ás flores...
O vento a quebra no seu verde ninho,
— Velai ao menos pelo pobre anjinho,
— Pagai-lhe em goso o que me dais em dores!

Maio, 6.

CAMÕES E O JAU

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

Representada pela primeira vez no theatro D. Fernando na noite de 18 de janeiro de 1856.

PERSONAGENS:

CAMÕES . . . . Sr. Braz Martins
ANTONIO . . . . Sr. Santos

A acção passa-se em Lisboa, 1578.

CAMÕES E O JAU

PROLOGO

A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor «Olinda», transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá deixava meu pai e minha mãi, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista, os olhos só vêem o azul do céu confundir-se

ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram: meu Deus! minha patria! minha mãi! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noites, quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céu estrellado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas aguas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus pallidos e ultimos fulgores na cupola elevada do campanario da aldeia. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as aguas, e pisei terra extranha. Era este Portugal velho e caduco, que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora; era este Portugal que ainda repercute o tinir das armaduras e das espadas de seus guerreiros extinctos; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui fala-se a mesma lingua que se fala no Brazil; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha céu... mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céu tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos? Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos, oh! eu quero a minha terra; quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas ridentes; quero aspirar o perfume que exhalam aquellos bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris: será por um momento fascinado diante dessas ruas, dessas praças, desses templos, desses marmores; mas depois falam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado, ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmurios das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancai a planta dos climas tropicaes e plantai-a na Europa: ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como á planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céu que o viu nascer! Feliz aquelle que póde receber todos os dias a benção e os afagos maternos! Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperança, esse anjo lindo

que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasphemia atroz: não creio em Deus!... Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões; arde-me no peito o fogo dos meus dezesete annos; creio em Deus do fundo da minha alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãi; um dia... á sombra triste da funerea cruz descançarei na mesma terra que me viu nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de janeiro representou-se no theatro D. Fernando a scena dramatica *Camões e o Jau*, primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da critica. Ninguem é mais do que eu, conscio dos innumeros defeitos que tem. Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No emtanto foi recebida no meio dos bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendi-os bem. Não eram a corôa de louros que me alcançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hospitaleiro, que bradavam — «ávante!» ao joven que na carreira das letras encetava o seu primeiro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes: ávante? Bem; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espesinha sem piedade a flor que tenta desabrochar! Aos dois actores que a desempenharam tão bem,

renovo os meus agradecimentos. São o Sr. Braz Martins e o Sr. Santos.

O Sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escriptor e como actor; não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria: foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O Sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, nessa carreira d'espinhos, ha-de ter a fronte coroada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.mo Sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na Academia de S. Paulo.

Ao primeiro peço que, quando ler o *Camões e o Jau*, vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto *Freese*, rogo de me recommendar a todos os collegas desse tempo tão feliz. Quando nos separámos em Nova Friburgo, de certo não foi para sempre. Ainda um dia hei-de ouvir o canto melodioso e terno do sabiá; ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de março, 1856.

SCENA UNICA

CASA POBRE; AO FUNDO UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO: EM DISTANCIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEIRA; JUNTO AO BRAZEIRO UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

SÃO DEZ HORAS DA MANHAN.

Ao levantar do panno ouve-se o ribombar longiquo do canhão. O poeta, deitado, recolhe attento aquelles sons que pouco a pouco se esvaecem, depois assenta-se.

CAMÕES E DEPOIS ANTONIO

CAMÕES.

Que sons são estes que do Tejo a brisa
Trazer me vem no susurrar macio?
Julguei ouvir o rufo dos tambores
Ou o estridor pelos echos repetido
De bronzeas boccas a rugir nas vagas.
(Erguendo-se)
Ribombo do canhão! signal de gloria
P'r'as sempre fortes vencedores quinas
Impavidas hasteadas nas muralhas
Das fortalezas indicas vaidosas,

13*

E tremulando na soidão dos mares,
Que ao jugo lusitano a cerviz curvam!
Trombeta do combate! quando soas,
Bater tu fazes com dobrada força,
Com fogo ethereo coração ardente
Que em peito portuguez livre palpita.

(Com enthusiasmo)

Meu Portugal tão bello e tão valente!
Torrão formoso, terra de magia,
Ricos sonhos do poeta, meus amores,
Sim meus amores, que os que tive outr'ora.....
Cala-te coração... já não existem!

(Caminhando com custo para a janella)

De primavera que formoso dia!
Que azul de céu tão puro e tão sereno!
Como corre o meu Tejo socegado!
Meu patrio Tejo, que cantei saudoso
No exilio amargo tantos annos... tantos!

(Commovido)

Oh quantas vezes de Macau na gruta
Por ti, por Portugal eu soluçava!

(Retirando-se da janella)

Para que me hei-de recordar do exilio?

(Assentando-se na cadeira)

Passado é já. Vejamos o futuro.

(Curva a fronte)

ANTONIO.

(Entrando e aproximando-se de manso — á parte)

Como está pensativo! sempre triste!

CAMÕES.

Quem entra do mendigo na choupana?
(Reparando)
É Jau, meu pobre, meu sincero amigo.

ANTONIO.

(Á parte)
Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!
Escravo... que os grilhões contente beija!

CAMÕES.

Antonio, para mim não trazes nada!

ANTONIO.

Fui buscar pão... nem um ceitil me deram!

CAMÕES.

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO.

Resignação, dizeis! Mas ah! que tendes?
Tão pallido vos vejo e tão mudado!
Depois que vos deixei, soffrestes muito?

CAMÕES.

Meu amigo, socega; nada tenho.

ANTONIO.

(Á parte)
E tornou-me a chamar o seu amigo!
Igual affecto, quem pagal-o póde?

CAMÕES.

Dizes que tenho a pallidez no rosto?
Não repares; a cor fugiu ha muito.
Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.
É a vida a soltar o arranco extremo
Já prestes a findar, como no templo
Á mingua d'oleo, ao despontar da aurora,
A lampada que ardeu durante a noite
Pallida brilha, bruxulêa... e morre!

ANTONIO.

Por Deus vos peço, não faleis em morte.

CAMÕES.

Se eu a sinto chegar a passos largos!
Muito não tardará que o corpo inerte
Vá sob a terra descançar para sempre.
Uma existencia cheia de desgostos,
As mais douradas illusões desfeitas,
Findos os sonhos, a esperança extincta...
Oh de que vale o prolongar-se a vida?
Sim, brevemente cerrarei os olhos,
Morrerei pobre, velho, desprezado...
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO.

(Cahindo-lhe aos pés)
Oh meu senhor!

CAMÕES.

Terei um peito ao menos
Onde então possa reclinar a fronte,

Uma lagrima derramar saudosa,
E dizer expirando o nome della!
(Erguendo com doçura a cabeça do Jau)
Antonio, diz-me cá; tu nunca amaste?

ANTONIO.

(Erguendo-se)
Se tenho um coração!... Eu amo muito
A terra onde nasci, a minha Java:
A meus pais eu amei como bom filho
E a vós, oh meu senhor, hei-de amar sempre.

CAMÕES.

Na tua vida uma mulher não houve
Que igual affecto te inspirasse ainda?
Por quem sentisses attracção immensa?
Em que louco pensasses, sempre, sempre,
Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros?
Uma mulher, emfim, por quem no peito
Forte paixão te ardesse ou um desejo?
Uma mulher, um anjo, cujo nome
O tivesses nos labios e na mente;
Escripto o visses na corrente branda
Que sobre seixos se deslisa quieta,
N'um céu d'anil, na flor do prado, em tudo?
Que t'o dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flores,
O murmurar da fonte cristallina,
No firmamento o scintillar dos lumes,
Que o mundo inteiro te falasse della?
Um anjo, a quem no delirar ardente
Aos pés prostrado — amor! — dissesses terno?

ANTONIO.

Sim, sim; uma mulher eu amei muito.
Era tão bella! A mesma cor que tenho,
Ella tinha tambem; era de Java.
A infancia ambos passámos sempre juntos,
Brincando alegres pelos campos lindos.
Passaram-se os folguedos, e sósinhos
Á fresca sombra dos gentis palmares
Que enfeitam a minha ilha tão formosa,
Mil falas de ternura lhe falava,
Mil esp'ranças risonhas eu nutria.
Era muito feliz o pobre escravo!
Depois... tão moça ainda ella finou-se!
O que eu chorei! E a dor pungente e amarga
Até á morte sentirei nesta alma
Que outro amor como aquelle tão sincero...
Senhor, o pobre Jau não terá nunca.

CAMÕES.

Pois escuta: eu amava com excesso
Na terra uma mulher muito formosa
Que a sorte cega collocou mui alta.
Mas o pobre Camões não tinha um nome,
Não podia off'recer-lhe a mão d'esposo!
Ai loucos! por ventura um sentimento
Quereis moldal-o a conveniencias futeis?
Quem é que ao coração jámais deu regras?
Sem demora parti, buscando a gloria.
Longos annos vaguei saudoso e errante,
Ora embalado pelas bravas ondas
De oceano em furia grande, ouvindo os uivos
Da procella a bramir forte e medonha;

Ora chorando os prantos do proscripto
Nos ermos montes de longiquas plagas.
Que saudades que eu tinha desta terra,
Destas veigas risonhas, destas fontes,
Destas flores mimosas, destas ares!
Nunca n'aquellas regiões tristonhas
O riso de prazer me veio aos labios.
Em vão eu quiz beber uma harmonia,
Uma inspiração celeste, radiante!
Lá não trinava o rouxinol gorgeios
Na balseira virente em noite bella,
Quando a lua prateada se retrata
Sobre as aguas do lago socegado;
Lá não ouvia a gemebunda rola
Gemer saudosa... que entristece tanto!
Lá não sentia a vespertina aragem
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,
Que nunca mais soltara hymno festivo!
Tudo alli respirava só tristeza!
E durante esses annos tão compridos,
Esses annos d'ausencia e de tormentos,
A imagem de Natercia eu via sempre.
Uma vez que tranquillo adormecera,
De subito me ergui todo convulso...
Sonho horrivel me havia despertado.
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!
Aquelle corpo airoso, inanimado!
Aquelles lindos olhos já sem brilho!
Os labios purpurinos já cerrados,
Mas que, no entr'abrir final, halbuciaram
Camões! Camões! ainda com ternura!
Vacillante os cabellos apartava

Com a tremula mão da fronte em gelo...
Visão não era; realidade pura!
Era morta a mulher que eu tanto amava,
Morta... na flor da vida!... ella era um anjo!
Desde esse dia então morri p'r'o mundo.
As lagrimas de dor verti-as todas,
Depois... não chorei mais; soffria mudo
De rojo junto á cruz, contricto orava,
Orava toda a noite só por ella.
A Deus pedia o termo de meus dias,
Que entre os anjos no céu vel-a queria,
Já que na terra os homens, sem piedade,
Me haviam della separado sempre.
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.
Quereis que esgote o calix da amargura?
Submisso e prompto está o servo humilde.

(Apontando para a banca)

Olha, Antonio, dá-me aquelles versos.

(Recebendo-os)

Sim, são estes que falam de Natercia
Com todo o fogo d'um amor eterno.
Eis o signal das lagrimas cahidas
Sobre o papel, quando tracei as linhas.
Lagrimas quentes, lagrimas de sangue
Arrancadas por uma dor immensa.

(Beijando-os)

Oh! quero lel-os, lel-os novamente.
Foi este canto luctuoso e triste
Ultimo harpejo que soltei gemendo.
Ai! quando desse dia me recordo,
Involuntario o pranto se desprende.
É uma corda que se vai da lyra.

Mais uma fibra que do peito estalla,
Mais um gemido que rebenta d'alma,
— Derradeiro estertor do agonizante —
Um gemido que diz: além a — campa!
(Assenta-se e lê:)
«Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo deste mundo descontente;
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.»

ANTONIO.

(Á parte)
Alli n'aquelle leito tão mesquinho
Repousa o maior vate deste mundo!
P'r'o sepulchro inclinada a fronte nobre
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,
Um ai não solta nem um só que seja!
Calado soffre, soffre, e não murmura!
Só eu é que conheço o que padece:
Com fome ha tantas horas e não tenho
Em casa, nada que lhe dê agora!
Se pudesse passar sem mim ao lado...
Se pudesse! inda sou rapaz, sou forte,
De noite e dia trabalhava sempre
E do trabalho o lucro era para elle,
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,
Não posso abandonal-o um só momento.
Tão fraco; até lhe custa a dar um passo!
Eu vou de porta em porta, a mão estendo,
Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...
E só parece que a rochedos falo,
Ninguem attende á supplica do pobre!

De dor eu choro quando peço esmola
E vejo que m'a negam tão sem alma.
Filhos de Portugal, oh portuguezes!
Viveis entregues aos festins maldictos,
Sem vos lembrar que na miseria triste
Enfermo geme, moribundo quasi,
Um portuguez tambem, um vate illustre?
Ah! sois malvados corações de pedra!
Sim, sois malvados! O perdão do poeta,
De certo o tendes, porque é bom, perdôa;
Mas dos sec'los futuros, com justiça,
Anathema tereis e fulminante,
Da infamia o ferrete desprezivel,
E a voz de Deus vos bradará severa:
«Assassinos, assassinaste o vate!»
(Ouvem-se salvas repetidas, ao longe)

CAMÕES.

Antonio?

ANTONIO.

Senhor!

CAMÕES.

Saberás dizer-me
Porque em signal festivo o canhão trôa?

ANTONIO.

E a saudação banal das fortalezas
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,
E que, entregues aos ventos inconstantes,
Destemidos se vão plantar ousados
O estandarte da cruz em terras d'Africa.

CAMÕES.

(Erguendo-se, agitado)

Sim, elles vão... mas é buscar a morte.
Quem antevera que d'um povo a ruina
Pelo seu proprio rei cavada fosse?
Oh campas nobres, já no pó envoltas,
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco:
Decerrai-vos, surgi! Que esses gigantes,
Patriotas bravos, semi-deuses lusos,
Erguendo-se do somno eterno um pouco,
Depressa venham sustentar a patria
Que ameaça cahir, cahir p'ra sempre

(Caminhando para a janella e falando para fóra)

Dom Sebastião, monarcha temerario,
Parai! parai! que não ireis mancebo,
Sepultar nas areias africanas,
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.
Se não ouvis meu brado, por ser fraco,
Oh! escutai, senhor, o pranto amargo
Do pai, da mãi, da esposa e do filhinho
Que vos pedem o filho, o pai, o esposo,
Que sem dó arrancaes dos lares patrios
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha.
Mas ah! sois surdo; vossas naus já partem,
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...
Um dia dareis conta dessas victimas.

(Retirando-se da janella e como que subitamente inspirado)

Que luz celeste me esclarece agora?
Que sombras estas que vagueam tristes,
Que se deslisam silenciosas, quietas,
Fantasmas negros na mudez da noite?!...
Que campo é esse que se alaga em sangue,

Theatro horrivel onde impera a morte?!...
Oh d'Alcacer-Quivir plaga maldicta,
Que presencêas n'um só dia a queda
Da nação entre todas a mais nobre!
Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!
No calor da peleja que se trava,
Parte-se a folha da ligeira espada
E o alfange, como anjo de exterminio,
Prostra exangues, sem dó, esses valentes
Que em cem batalhas não tremeram nunca!
Os soldados de Christo já recuam
Pelas imigas hostes esmagados,
O regio elmo pelo campo rola...
Calcada está de Portugal a c'rôa,
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...
E Dom Sebastião ousado e joven
Eil-o que tomba do ginete altivo
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-se!
Elle, nobre dos nobres lusitanos;
Ao lado do peão lá geme, expira!
— A morte nivelou o throno e a choça!
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...
Este alarido e gritos de victoria...
De triumpho infeliz os solta um povo!
As mauras meias-luas lá tremulam
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas;
Lá resôa o clarim cantando um hymno,
Que contentes os echos o repetem
Pelo negror das trevas que caminham
A cubrir com o sudario da vergonha
A purpura real, d'um rei o corpo!
Ouve-se ainda um brado... extincto é tudo!

A gloria e o nome portuguez morreram!
E este tinir de ferros?! São algemas,
São grilhões que nos vem lançar Castella!!
Termos de supportar extranho jugo...
Soffrer da escravidão a morte lenta...
Um nobre portuguez responde — nunca!

ANTONIO.

(Á parte)
A febre do delirio que o devora!

CAMÕES.

Eu á patria sobreviver? Não quero.
Quem deste Portugal cantou as glorias
Não póde a Portugal na mesma lyra
Desferir o canto funebre saudoso.
Se a patria é morta, hei-de morrer com ella.
Hei-de sim, hei-de sim, porque nesta alma
Era o affecto maior que ora existia.
Oh! que a mesma mortalha nos envolva;
E o canto d'alma apaixonado e terno,
Em que humilde exaltei a fama tua,
Que as chammas o consumam; que hoje mesmo,
De Luiz de Camões não tenha o mundo
Nem sequer uma trova de seus dias...
Bem poucos de prazer, de dor bastantes!
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes
Com pranto amargo deslisado em bagas.
Eia, coragem!
(Lança ao fogo alguns manuscriptos e vai buscar os Lusiadas)

ANTONIO.

Os Lusiadas, nunca!
Por quem sois, suspendei! sou eu que o peço;
Que não se queima assim n'um só momento
D'um poeta immortal a rica c'rôa,
E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.
Oh! vou salval-os.
(Corre para Camões)

CAMÕES.

(Lançando-os ás chammas)
Jau, nem mais um passo.

ANTONIO.

(Tirando-os)
Eil-o, o laurel d'um vate!

CAMÕES.

Que fizeste?!...

ANTONIO.

(Erguendo o poema)
Se é verdade que tua patria é morta,
Este poema lembrará ao mundo
Que houve outr'ora um Portugal gigante,
E — Camões — fôra seu cantor sublime.

OBRAS EM PROSA

A VIRGEM LOURA

PAGINAS DO CORAÇÃO

I

Como é poetica e bella a quadra da infancia!

Nessa primavera da vida, como na primavera do anno, tudo que nos cerca são flores e perfumes, e tudo que vemos fala e nos sorri.

Os campos viçosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduzem, o gorgeio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céu, bramindo na voz do trovão, nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

Como é poetica e bella a quadra da infancia! E que saudade, que funda saudade não temos desse tempo, quando a nossa alma, cheia de decepções e despoetisada pelas miserias da vida, se recorda melancolica do passado!

Pelo menos a mim aconteceu-me isso; toda a vez que me lembro dos meus bellos dias de criança, estremeço e sinto que uma lagrima se desfia silenciosa pela face. E gosto dessa lagrima; quando se chora, é porque o coração está vivo, é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensivel que o lodo do mundo não pôde manchar.

Por isso gosto de chorar, e apraz-me as vezes, quando estou sósinho, mergulhar o pensamento nesse passado, que já vai tão longe, e pelo poder da imaginação vejo, sinto e goso tudo que vi, senti e gosei nessa idade de risos e de amores.

Minha querida infancia!

II

Nasci em... não, não digo o nome do logar onde eu nasci.

Para quê?... Hoje, na casa em que via a luz, moram estranhos, e estranhos não sabem nem podem comprehender o encanto que eu achava nessa pequena casa, para mim mais bella que todos os palacios do mundo.

Moram estranhos, e quem sabe? talvez que suas mãos profanas fossem derribar a figueira velha que me viu nascer, e arrancar as roseiras que eu mesmo plantara no canto do jardim!

Oh! se eu entrasse agora nessa casa, estou certo que ao transpôr a porta cahiria de joelhos, e que a minha alma, trasbordando de saudade, havia de romper em um desses choros prolongados e sentidos que revelam uma dor profunda. Algumas das recor-

dações vagas que conservo se avivariam então; santas reminiscencias do lar me cercariam, e com o rosto escondido nas mãos, suffocado em pranto, julgaria ouvir o echo de vozes já extinctas e soar de novo a meus ouvidos o canto melancolico com que minha mãi acalentava a irman pequenina!

Não quero entrar nessa casa; far-me-ia mal...

III

Nasci no campo, e ao desprender-me das faixas infantis, ao saltar do berço, vi quasi ao mesmo tempo o céu e o mar, os campos e as mattas. Não foi na cidade, onde se morre abafado, não; foi ao ar livre, e, infante ainda, senti a brisa da praia brincar com meus cabellos e o vento da montanha trazer-me de longe o perfume das florestas.

Que deliciosa vida aquella! Como eu corria por aquelles prados! Que colheita que fazia de flores! Que destemido caçador de borboletas!

Ah! meus oito annos! Quem me dera tornar a tel-os!..... Mas... nada, não queria, não; aos oito annos ia eu para a escola, e confesso francamente que a palmatoria não me deixou grandes saudades.

IV

Mas o que me acontecia quando eu era pequeno, aquillo que vos quero contar, é uma cousa que de certo tem acontecido a todas as crianças e em que bem poucas terão feito reparo.

Era uma mulher d'uma belleza extrema e de uma

graça encantadora que, sempre coroada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se aos nossos folguedos e partilhar nossas alegrias e pezares. Era uma virgem; dizia-o a pureza de seus bellos olhos e a suavidade da fala.

Apesar de tantos annos, vou tentar pintal-a como a vi na infancia. Se o retrato sahir imperfeito e as cores esmorecidas, desculpem-me; a minha palheta não é variada, e, ao tocar nessas paginas do coração, a mão treme e o pincel ennodôa a tela.

V

Já lestes aquelle lindo conto de fada que um espirituoso folhetinista escreveu a proposito de Thalberg? Se o lestes, quasi que conheceis a minha virgem, porque desconfio que ella e a fada eram amigas muito intimas.

— Era bella, já vos disse, e não acho com que a possa comparar.

— Uma vestal?

— Seria! mas seu rosto divinamente bello nem sempre tinha essa suavidade angelica das vestaes antigas, e seus olhos, segundo ella me disse depois, se umas vezes morriam de voluptuosidade, outras faiscavam de colera.

N'aquelle tempo eu vi-a sempre bondosa, terna e ingenua.

Quando ella sacudia aquella cabeça digna da estatuaria antiga, os seus cabellos, seus lindos cabellos louros, presos na frente por uma grinalda, fugiam e fluctuavam livres em graciosos anneis.

Travaja roupas talares, tão alvas, e tão alvas, que todos nós temiamos manchal-as quando as tocavamos.

Era muito linda; mas o que eu sobretudo admirava, na minha ingenuidade infantil, era a pureza e o brilho de seus olhos azues, que reflectiam a cor do céu. Como eram bellos! Nas horas de oração, de joelhos a nosso lado, ella erguia esses olhos para Deus e conservava-os assim longo tempo como n'um extasis; então eu via que, suspensa de suas palpebras, tremia e brilhava uma lagrima como o cristal no lampadario do templo. E choravamos tambem, e uniamos nossas vozes frescas á sua voz melodiosa, que entoava o cantico da infancia, sublime de simplicidade.

A minha virgem vivia sempre cantando; mas fazia-o com tal suavidade, com tal sentimento, que nós, suspensos e immoveis, ficavamos presos a esse doce gorgeio, que nos despertava sensações desconhecidas.

VI

— Mas, perguntará o leitor, quem era essa virgem? D'onde tinha vindo?

— Adivinhem. Veio do céu; e quando Deus concluiu o mundo, ella achou-se de pé no meio da criação esplendida, apparecendo em toda a parte e a todo o momento: de manhã ao despontar da aurora, de tarde ao declinar do dia, e de noite ao clarão da lua.

Filha do céu, foi formada d'um sorriso do Eterno, brincou com as azas dos cherubins, e no Eden de-

bruçou-se sobre o hombro de Eva, quando a natureza pasmava diante da mais perfeita obra do Creador.

O seu nome, quando eu era pequeno não o sabia; chamava-a unicamente — a virgem loura.

VII

Era muito nossa amiga, nunca nos abandonava, e era bello ver um grupo de crianças, frescas e alegres como um dia de maio, cobrindo de beijos e caricias essa — virgem loura — a quem todos chamavam sua irman.

Se a tarde era linda, se as aguas quietas do rio reflectiam toda a pureza deste céu brazileiro, se a brisa ciciava na folhagem da mangueira, então corriamos todos para o campo e iamos folgar á beira do riacho. Ahi cada qual colhia flores; um trazia rosas, outro açucenas, outro boas-noites; e rosas, açucenas, boas-noites, violetas, e todas as flores da campina, formavam ramos gigantes e formosas grinaldas com que coroavamos a — virgem loura.

Cercada de tanto perfume, coberta de tantas flores, parecia um verdadeiro jardim! As folhas de rosas escondidas nas suas tranças douradas cahidas no collo, no regaço, por toda a parte, diminuiam-lhe a alvura das vestes e a pallidez encantadora do rosto. Mas se lhe davamos flores, ella pagava-nos com beijos.

Outras vezes iamos á praia apanhar conchas, gritavamos com o mar, e o gigante encolerisado bramia e recuava; depois, tranquilla, a onda vinha lamber a areia e fugia murmurando uma queixa.

Se batia o sino — Ave-Marias — ella orava

comnosco, e não sei, parecia-me que a oração assim tinha mais valor e que a virgem mãi sorria-se satisfeita ás preces da infancia.

Muitas vezes, acordando de noite, achei a — virgem loura — á minha cabeceira; anjo da guarda, velava o meu somno de innocencia e velava tambem o das outras crianças, porque ella reproduzia-se e apparecia em mais d'um logar ao mesmo tempo.

Tudo isso fez com que eu lhe consagrasse uma amizade terna, santa e profunda, que nada pôde apagar; mas creio que aos meus companheiros não aconteceu o mesmo. Muitos delles, envolvidos no turbilhão do mundo, esqueceram em breve essas scenas e esses amores candidos, que matizam o alvorecer da vida.

VIII

Passou-se a idade infantil, entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento, expandia-se livre a todos os affectos nobres e santos, como a flor da solidão aos raios do sol nascente.

Amei.

E quem deixa de amar aos quinze annos?

Quem, se nessa idade a nossa alma se apaixona tão facilmente? Se não fôra uma mulher, ha-de ser ás flores, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

Oh! aos quinze annos o coração pede amor como a terra sequiosa pede as chuvas do céu, e como a flor pendida uma gotta de orvalho. Aos quinze annos

temos necessidade de amar, e os labios que escaldam desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sede que os abraza.

Aos quinze annos amei.

Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti; amor que deixou vestigios immorredouros, porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

Nessa época de felicidade intima, em que meu coração novel lia pela vez primeira as paginas d'um livro que nunca havia aberto; nessa época, em que a minha alma cheia de enthusiasmo nadava em ondas de harmonia; nessa época a — virgem loura — esteve constantemente a meu lado.

Horas longas e longas, no silencio augusto da noite, inclinada sobre meu hombro, ella murmurava queixumes de amor, e minha mão corria sobre o papel, procurando reproduzir o que me fervia na mente.

IX

Fui feliz, muito feliz!

Ás vezes, inebriada de tanta ventura, entumecida de tanto goso, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente; e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

Houve então alguem que me chamou poeta.

X

Mas depois... a — virgem loura, — voluvel e caprichosa como todas as mulheres, abandonou-me.

Foi n'um dia... lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira d'um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades n'um unico pensamento, o — dinheiro, e que, se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia.

Fatal dia, negra hora!

Desde então fugiu-me a — virgem loura — e debalde a tenho procurado ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flores do prado, em tudo; nunca mais a vi!

Hoje a minha alma, arida e triste de tanto sonho dourado e de tanta illusão brilhante, só tem lagrimas para chorar esses bellos dias, em que *ella* me dizia os seus segredos divinos.

Ai de mim! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gelo: — *Nunca mais has-de encontral-a!*

— Mas quem era a — virgem loura?

— A de olhos azues?

— Sim.

— Aquella que eu amava?

— Sim.

— Pois não adivinharam?!

Era a — poesia!

CAMILLA

MEMORIAS D'UMA VIAGEM

FRAGMENTOS

Decididamente estamos na época dos romances. Está provado que não se póde passar sem elles; todos são necessarios, porque todos são uteis. Uns, deleitam pela suavidade do estylo; outros, são excellentes narcoticos.

Este pertence aos ultimos, e se eu não estivesse convencido de quanta utilidade póde elle ser a um desgraçado que não durma ha tres dias, de certo não o escreveria.

E verdade que incommodo horrivelmente os pacificos cidadãos acostumados ás bellezas de Musset ou de Vigny, de Balzac ou Dumas; mas tenham paciencia: é preciso provar de tudo. Unicamente para não se assustarem dir-lhes-hei que são apenas cinco ou seis capitulos.

Dado este cavaco, que fica servindo de prologo, eu principio.

I

Era uma noite de...

Ah! é verdade; ia-me esquecendo de lhes dizer que este capitulo passa-se em Lisboa. Eu torno a principiar.

Era uma noite de fevereiro de 1856; noite tempestuosa, fria, aborrecida.

Fechado no meu quarto sósinho, ao lado a penna e o tinteiro, debruçado sobre um livro, eu estudava.

O relogio acabara de bater pausadamente onze horas. Fechei o livro, encostei a cabeça a uma das mãos e comecei a pensar.

A chuva fustigava fortemente os vidros, o vento zunia pelas frestas da janella, e aquella monotonia e aborrecimento d'uma noite chuvosa foi-me pouco a pouco entorpecendo o espirito, até que cahi n'uma especie de tristeza, direi melhor d'indolencia, que me é frequente e que mesmo não sei definir.

Em que pensava eu?

No Brazil, em minha mãi, na minha infancia.

É muito triste estar-se longe da patria, é. Sempre esse mesmo pensamento na mente, sempre essa mesma saudade no coração!

Abri machinalmente a minha pasta e comecei a folhear distrahido os pobres manuscriptos que a enchiam. Aqui era uma copia apaixonada, além um suspiro de proscripto, um canto de saudade! No mesmo caderno de papel, d'um lado as primeiras scenas d'uma comedia, do outro o esboço d'um romance, entretenimento das minhas horas vagas.

Mocidade! mocidade! Quadra de sonhos, de esperanças, d'illusões!

E qual é o rapaz que á noite, no meio d'um silencio augusto, não pensa, não fantasia e não entrega ao papel as primeiras notas tremulas de sua lyra, as primeiras criações defeituosas da sua imaginação ardente?

Nenhum.

E o proscripto?

Oh! esse medita e chora, e na oração da noite que rebenta fervorosa d'alma, pede a Deus que o leve a ver outra vez o céu sempre poetico da patria, os campos sempre formosos da terra que o viu nascer.

De repente entre os meus papeis deparei com um numero já antigo do *Braz Tisana.* Sorri-me como outro qualquer teria feito. Era a jovialidade que me vinha visitar, era o estylo estouvado, cheio de espirito e malicia do chistoso companheiro da Gertrudes, que vinha arrancar-me das sorumbaticas reflexões em que eu estava atolado.

Depois de ler a carta do boticario que aponta sem dó os ridiculos desta sociedade enfatuada, continuei a remecher na pasta, que — sem ser preciso abrir parenthesis — era um bazar em miniatura, uma verdadeira torre de Babel de confusão.

Cousa estranha! Dou com outro numero do *Braz Tisana!*

Este não trazia correspondencia, mas em paga apresentava o começo d'um lindo capitulo do romance de Arnaldo Gama — *O Genio do mal.*

Li o folhetim com avidez e daria tudo para ler a continuação. Desde que este romance se começou

a publicar no *Braz Tisana*, segui-o sempre com o vivo interesse que sabe despertar o seu talentoso auctor, e ora pensando no corpo airoso e flexivel de Maria, a namorada de Filippe, ora sonhando com essa Mathilde endiabrada, ardente e caprichosa, comecei a sentir uma vontade extraordinaria de ver a cidade do Porto onde se desenrolam as scenas desse drama immenso.

Ora já vêem que a leitura do folhetim tinha mudado completamente o curso das minhas idéas. Comecei pois a fantasiar o Porto.

Vi a cidade invicta recostada soberba nas suas collinas, e o Douro, que lhe banha os caes, estorcendo-se por entre margens pittorescas, lançar-se no oceano depois de espumar raivoso nos rochedos da Foz. Subi, no pensamento, a rua de Santo Antonio e entranhei-me no amago da cidade. Passei pelo decantado sitio das Fontainhas, sentei-me no jardim de S. Lasaro, vi a praça Nova, entrei no Guichard, orei em Santo Ildefonso, debrucei-me na ponte pensil... e finalmente depois de muito cançado installei-me na Aguia de Ouro!

E o vapor sahia no dia seguinte! E se eu fosse de passagem nelle, como saúdaria com alvoroço essas muralhas venerandas que supportaram o terrivel ribombo dos canhões d'um cerco violento! Como eu diria com enthusiasmo, de pé na popa do vapor: salve Porto! realisou-se emfim o meu sonho, porque te vejo ainda melhor do que te fantasiara!...

Estava com estes pensamentos quando o relogio batia onze e meia.

Maldito relogio, vieste desfazer o meu poetico castello!

Onze e meia! murmurei eu, são horas de me deitar. Fechei a pasta, guardei os livros, despi-me e... com o maior socego do mundo enfronhei-me em valle de lençoes.

A chuva continuava a cahir, alguns relampagos de vez em quando allumiavam o espaço, e um silencio immenso, só quebrado pela queda da agua, envolvia o meu quarto.

Como é bello estar na cama bem agasalhado n'uma noite de chuva! Dorme-se, que é um regalo!

Foi por isso que não conversei muito tempo com o travesseiro. Dous minutos depois, se não estava morto, tambem não dava muitos signaes de vida. Podia chover, trovejar; tocarem musica ou dançarem, para mim era o mesmo. Dormia a bom dormir.

II

Era uma bella manhan. O rio estava formoso, o sol brilhava vivido, e o *Duque do Porto*, coroado por um pennacho de fumo, prompto a sahir, balançava-se nas aguas do Tejo.

Um bote impellido por dois remos afastava-me do caes das columnas, aproando direito ao vapor. Eu tambem ia para o Porto; ia ver a perola do Minho que se debruça graciosa sobre a corrente ligeira do Douro.

E o vapor cortava rapido a veia do rio e deixava apoz si Lisboa, Belem, Paço d'Arcos, e passando entre o Bugio e S. Julião barra fóra, affrontava destemido os vagalhões do oceano oscillando de popa á proa.

Gosto muito de estar embarcado: satisfaz-me o

contemplar o oceano em toda a sua vastidão e iso lamento; acho poesia immensa no céu profundo d'uma noite de Maio, quando as estrellas espalham seus reflexos tremulos sobre as aguas agitadas: é-me grato ao ouvido o canto monotono do marujo repassado de saudade... mas todas as vezes que me embarco — enjôo.

Ora, não sei se sabem, o enjôo é a molestia mais estupida do mundo; torna o homem n'um estado quasi bruto, enfraquece ao mesmo tempo o corpo e o espirito.

Apenas tinha o vapor transposto a barra, já quasi todos os passageiros se haviam recolhido a seus beliches. Eu, a muito custo, resistia ainda. Sentado n'um banco, com os olhos fitos nas vagas que espumavam ao longe, não sei verdadeiramente dizer em que pensava n'aquelle momento — se é que realmente eu pensava!

A meu lado estava um sujeito a quem nem sequer me dei ao incommodo de analysar as feições.

— O Senhor vai para o Porto, não? disse-me elle.

Levantei a cabeça e olhei para o homem admirado. A pergunta era tola. Para onde diabo havia eu de ir senão para o Porto! Só se me levasse a breca, porque nesse caso ia para o outro mundo.

O meu amigo parecia esperar a resposta.

Respondi-lhe affirmativamente, inclinando a cabeça.

— É a primeira vez que lá vai? continuou elle.

O mesmo signal com a cabeça.

— Pois o Senhor nunca foi ao Porto?...

Signal negativo da minha parte.

— Pois olhe, admira.

Eu fiquei immovel.

— O Porto é uma bonita cidade.

Encolhi os hombros.

— Tem boas ruas, soberbos edificios, muito commercio, excellente vinho, grandes cebolas, raparigas lindissimas, etc., etc., etc., e o homem continuou, n'um tom de declamação theatral, a tecer o elogio do Porto. Logo vi pelas primeiras palavras, que estava a contas com um minhoto; era preciso ser um santo, para encarar a sangue frio a terrivel maçada que me ameaçava.

— Meu caro Senhor — disse-lhe eu erguendo-me e cambaleando já meio atrapalhado com os balanços do vapor, — queira desculpar-me, porém não me sinto bom, preciso estar deitado... e se me dá licença.

— Ah! ah! disse elle, rindo-se com um mode aparvalhado, já está enjoado, hein? é falta de costume. Olhe — continuou elle emquanto eu descia a escada da camara — a gente estar deitada é ainda peior; coma bem, beba melhor, passeie e o enjôo vai-se.

Obrigado, respondi eu cortezmente; e cá comigo accrescentei — forte bruto!

Quanto tempo estive deitado, não sei; ergui-me só quando ouvi alguns passageiros exclamarem: avista-se o Porto!

Avista-se o Porto! repeti eu; então quero cumprir a promessa que fiz em Lisboa, quero de pé, sobre a popa do vapor, saudar a cidade invicta.

E nós avançavamos sempre, e eu dizia: eis o celebre Cabedello, eis o castello da Foz, ali é o

pharol de N. S. da Luz; e quando entrei a barra, accrescentei tambem: aqui, d'encontro a estes rochedos, tem naufragado muitos navios, tem perecido muitas pessoas! E a lembrança do vapor *Porto* cruzou-se-me no pensamento, e inclinei-me insensivelmente sobre o abysmo para recolher um gemido, um ai pungente de agonia d'alguma victima, ou para descobrir as fórmas graciosas dessa donzella pallida que as ondas engoliram.

A cidade do Porto é linda. Que magestade e que poesia não tem o Douro rolando impetuoso! E a torre dos Clerigos, erguendo-se colosso por sobre tudo que a cerca!... E ao fundo desse painel soberbo, a serra de Pilar com todas as suas recordações gloriosas!

E eu, de braços cruzados, contemplava mudo o theatro d'uma lucta gigante, fratricida sim, mas em que a liberdade havia campeado; contemplava a cidade que recebera em seu seio o vencido de Novara, cuja morte inspirára ao grande lyrico portuguez um dos trechos mais sublimes da poesia moderna.

Quem ha ahi que não saiba de cór o — *Ave Cesar* — e que em frente do Porto não saúde com enthusiasmo

Esse berço de muralhas
Que fez livre Portugal?!

Uma hora depois desembarcava, e olhava para tudo com attenção, porque tudo para mim era novo. Eu, que tinha quasi a certeza de não encontrar ali pessoa alguma conhecida, de repente ao dobrar uma esquina, dou cara a cara com um antigo condiscipulo meu.

— Ernesto!

— Casimiro!

— Dissemos ao mesmo tempo um e outro, e ambos nos abraçámos.

— Já cá estás ha muito? perguntou-me elle.

— Agora mesmo desembarco; e tu?

— Ha mais d'um mez.

— Em que hospedaria?

— Na Aguia de Ouro.

— Na Aguia de Ouro?!

— Sim, na Aguia de Ouro. Porque diabo te espantas?

— Com a fortuna! É justamente para onde vou, e encontro-te logo para companheiro! Na verdade, se tudo aqui me correr assim, sou feliz, não ha duvida.

— Vens tratar d'algum negocio?

— Não, vim passear; vim ver uma cidade que ainda não tinha visto.

— Então deixa estar, hei-de mostrar-te o Porto por dentro e por fóra. Enfia o braço; vamos á Aguia de Ouro.

— Pois vamos.

— E a tua bagagem?

— Já lá vai adiante.

— Bom.

E depois de caminharmos um pedaço, olhando um para o outro, exclamámos ao mesmo tempo:

— Ora que ratice!... Encontramo-nos sem esperar, no fim de tanto tempo de separação!

E ambos soltámos um gargalhada de rapaz estouvado.

III

É rara a hospedaria de romance que não se chame Aguia de Ouro, Leão de Ouro, Urso Branco, Urso Vermelho, ou outra cousa similhante; no emtanto affirmo que aquella em que me installei não é invenção minha, porque lá existe com effeito no Porto a hospedaria da Aguia de Ouro.

Foi pois para ella que caminhámos, Ernesto e eu, conversando alegremente, e no fim d'um quarto de hora estavamos a contas com o estalajadeiro que a pedido meu, alojou-me no mesmo quarto que Ernesto occupava.

Sem saber porque, ia fazendo o mesmo que o meu amigo fazia com toda a negligencia: mudava de toilette.

Não sei se sabes que me caso hoje, disse-me elle com a maior seriedade, emquanto arranjava o laço da gravata diante d'um espelho.

— Dou-te os parabens, respondi eu rindo-me, porque tomava o negocio por brincadeira.

— Espero da tua amizade, continuou elle cada vez mais serio, que serás meu padrinho.

— Essa é boa! tornei-lhe eu, não sabendo se devia acreditar ou não; estou prompto. Mas dize-me, a noiva é moça ou velha?

— Vinte e seis annos.

— Bonita ou feia?

— Linda como os amores.

— E chama-se?

— Camilla ***

— Ora essa! disse eu, deixando cahir insensivelmente uma bota que ia calçar.

— Tu conheces-a? perguntou-me Ernesto.

— De nome... de nome; tenho ouvido falar muitas vezes nessa mulher...

— Romantica, não?

— Romantica, sim, romantica; e mau grado meu, soltei uma gargalhada forçada.

— Pois é verdade, caso-me com ella hoje.

— Por amor?

— Ora, filho, tornou-me Ernesto, deves saber que é palavra que não ha no meu diccionario. Ella casa-se comigo por capricho, por phantasia; e eu cedo a essa phantasia, a esse capricho, porque ambiciono ser rico, porque casando-me venho a ser possuidor da fortuna colossal de Camilla. No emtanto, accrescentou elle pensativo, ha uma cousa que me intimida. Esta mulher tem querido esposar tres rapazes, e todos tres morreram horas antes da festa nupcial; da quarta vez dizem que morre ella, mas póde muito bem succeder o contrario, e se a cubiça me impelle a dar este passo, a razão faz-me recuar aterrado.

Ernesto estava pallido quando acabou de falar e tinha-se deixado cahir sobre uma cadeira, brincando com a corrente do relogio.

Eu, encostado á commoda, immovel como uma estatua, sentia que não estava no meu estado natural. Tinha visto em Lisboa Camilla, e a sua imagem tinha-me ficado gravada em fogo na mente. Não podia ficar impassivel, vendo-a lançar-se nos braços d'outro homem: não podia a sangue frio ver desvanecer-se o mais bello sonho da minha vida.

E se a Camilla de Ernesto não fosse a mesma? Era quasi impossivel; mas emfim sempre era uma esperança.

Perguntei-lhe pois se tinha o seu retrato.

— Olha, disse-me elle apontando para a commoda, abre essa segunda gaveta de cima; ha-de ahi estar.

Abri a gaveta, e peguei n'um retrato cravado no meio d'uma rica moldura. As mãos tremiam-me e o coração batia fortemente. Olhei... e apesar de não ser da moda, estive quasi a soltar um grito de raiva. O retrato era de Camilla.

— Meu querido Ernesto, disse-lhe eu, se te casares estimarei que sejas feliz; mas não posso ser teu padrinho, peço-te que me dispenses.

— Então porquê?

— Ora, Ernesto, se tu amasses uma mulher, de certo não irias assistir ao seu casamento com outro.

Ernesto levantou-se e travou-me da mão.

— Amas Camilla!? perguntou-me elle.

— Amo-a, sim.

— E ella?

— Não sei; ou para melhor dizer: nem me conhece, porque lhe falei unicamente uma vez.

— Oh! Oh! fez Ernesto estalando um phosphoro e mordendo com todo o vagar um charuto de pataco, temos paixão romantica?! Estou com vontade de saber essa historia.

Pois eu t'a conto. É simples como o são todas as historias de amor. Camilla esteve em Lisboa, vi-a como todo o mundo a viu; mais o que talvez ninguem

fez, fiz eu: amei-a. Cruzei um segundo os meus olhos com os della, e aquelle olhar terno e languido fez-me mal. Desde a primeira vez que a vi, pensei só nella, segui-a por toda a parte, porque tinha necessidade de a ver, era um iman que me attrahia.

Escuta, Ernesto era uma paixão louca, uma effervescencia dos sentidos, um desvario da razão. Teria dado metade da minha vida por um beijo d'aquella mulher; teria até dado a minha alma para rolar-me como um sibarita no divan em que ella tivesse estado reclinada, para aspirar os perfumes embriagantes que a cercavam.

Uma noite fui a S. Carlos, ella lá estava n'um camarote, bella, deslumbrante de joias e belleza, seductora! Representava-se o *Trovador*. No intervallo do 2.º acto fui apresentado por um amigo meu e ella recebeu-me com um sorriso.

A nossa conversação foi pouco a pouco caindo no amor. Eu estava extatico quando ella falava; cada palavra d'aquella mulher, coada por entre dois labios extremamente voluptuosos, vibrava-me ao mesmo tempo no ouvido e no coração.

— O Senhor já amou? perguntou-me ella.

— Amo, minha senhora; respondi-lhe eu.

— E o que daria a essa mulher que ama?

— Todos os meus pensamentos por um beijo seu.

— Oh! disse Camilla, como duvidando.

— Toda a minha vida por uma hora da sua, accrescentei olhando-a fixamente.

Ella guardou silencio.

— A salvação da minha alma, se na hora derradeira ella jurasse que me tinha amor.

Camilla sorriu-se e respondeu-me: é muito. Depois, erguendo os olhos, disse em voz muito baixa:

— Eu se amasse um homem, dava-lhe..... o meu amor.

E correu a plateia inteira com o seu oculo de marfim.

Desde essa noite, Ernesto, nunca mais a vi.

Mal tinha acabado estas palavras, quando uma carruagem parou á porta do Hotel.

— Vem a proposito, disse Ernesto depois de ter chegado á janella.

— O que? A carruagem?

— Sim; é o trem de Camilla que vem buscar-me.

— Deixas-me já?

— Pelo contrario, levo-te comigo.

— Estás doido!

— O que! Pois recusas acompanhar-me?

— A casa della, recuso.

— Mas é que nós não vamos agora lá.

— Então acompanho-te.

Descemos a escada, e dois minutos depois rodava a carruagem ao largo trote de dois magnificos cavallos.

INDICE

Pags.

BRAZILIANAS

CANTICOS

LIVRO SEGUNDO

CANTOS DE AMOR

SCENA DRAMATICA

OBRAS EM PROSA

FIM DO INDICE